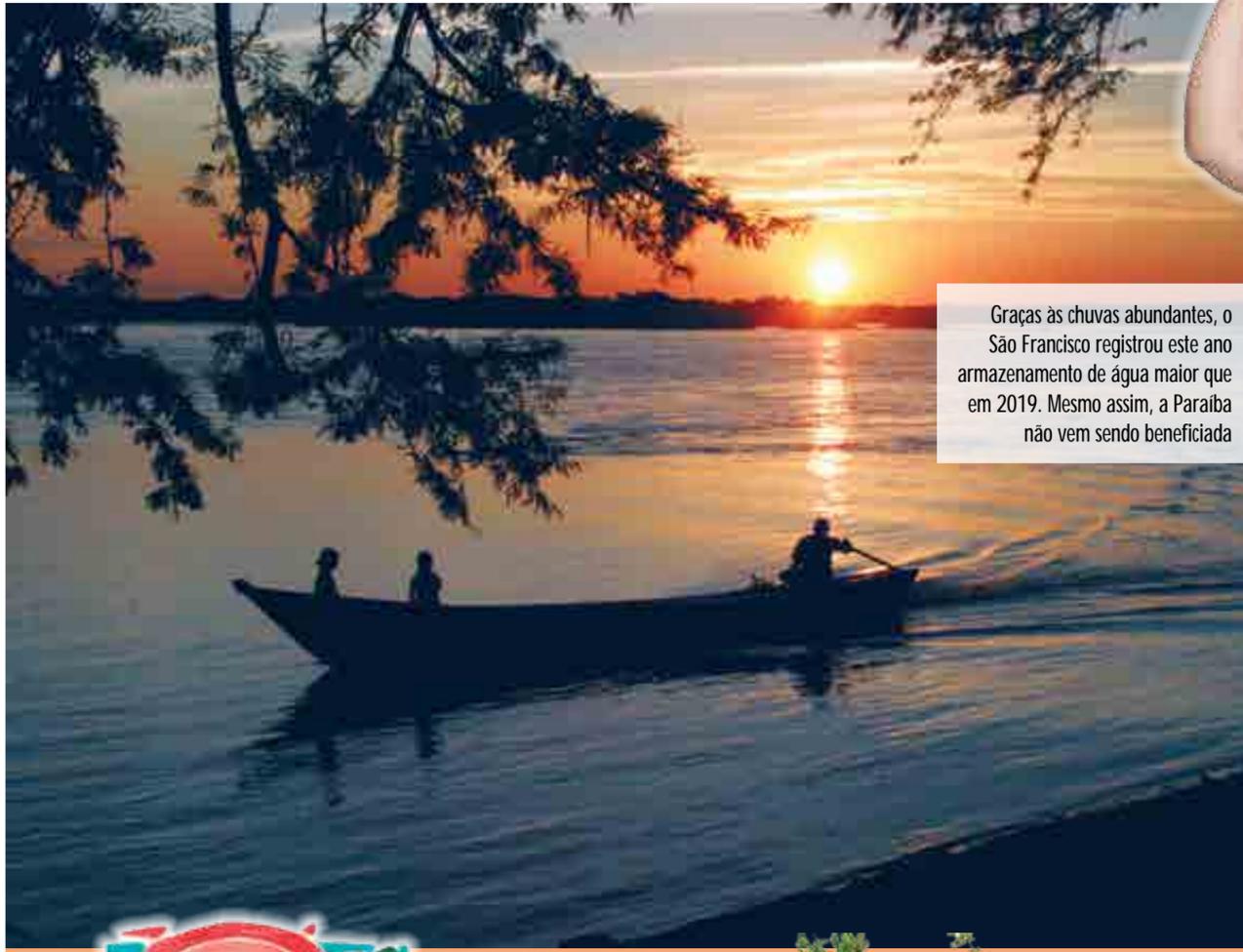


As águas do Rio São Francisco não chegam à Paraíba

Com o Eixo Leste parado e as obras inacabadas do Eixo Norte, Estado deixa de usufruir das cheias do Velho Chico, que chegou a 90% em um de seus reservatórios. [Página 3](#)

Foto: Marcus Antonius



Grças às chuvas abundantes, o São Francisco registrou este ano armazenamento de água maior que em 2019. Mesmo assim, a Paraíba não vem sendo beneficiada

Manaque

Cangaço deixou rastros na PB

Movimento iniciado no século 18, o cangaço avançou pelo interior do Estado, apesar da resistência encontrada. [Página 17](#)

Diversidade

Faz sombra, mas atrapalha

Castanholas e outras plantas não nativas causam prejuízos à área de restinga em praias urbanas. [Páginas 13 e 14](#)



Colunas

/// A adoção de animais abandonados está se tornando rotineira, assim como aumentam as denúncias de maus-tratos. [Página 2](#)

Editorial

/// Os ensinamentos de Epiteto para uma vida feliz são encontrados no seu Enquirídio. [Página 10](#)

Klebber Maux Dias

/// Carlos Heitor Cony se manifestou várias vezes contra o golpe, sendo punido com seis prisões. [Página 13](#)

Carlos Aranha

Entrevista



Foto: Acervo pessoal

Defesa da mulher Delegada Maysa de Araújo fala sobre ações no Estado e indicação a prêmio nacional. [Página 4](#)

Paraíba

Foto: Evandro Pereira



Com fé e coragem Luciana Lino e outras duas mulheres contam como superaram o câncer de mama. [Página 5](#)

Estado já registrou, este ano, 33 casos de preconceito racial

As diferenças entre injúria e racismo e como a sociedade e a justiça vêm atuando para combater esses crimes. [Páginas 6 e 7](#)

Paraíba



Foto: Edson Matos



Sapé Palco de lutas agrárias e lar de Augusto dos Anjos, município tem história também na economia da PB. [Página 8](#)

Cultura

Foto: Rodolfo Athayde/Divulgação



Lançamento Novo livro de Marília Arnaud retrata conflitos psicológicos: "Foi o mais emocionalmente trabalhoso". [Página 9](#)

Esportes



Foto: Instagram/Botafogo

Série D Botafogo encara hoje o Santa Cruz, líder do grupo A, tentando fugir da zona de rebaixamento. [Página 12](#)

Editorial

A soma de tudo

Há quem faça cara feia quando o assunto é proteção dos animais. Tais pessoas, pois ainda são muitos os que pensam assim, acham que os seres humanos são merecedores exclusivos da atenção de seus semelhantes. Cuidar de bichos significaria desprezar a espécie humana, que sofre na condição de equilibrista de uma corda bamba que tem de um lado a beleza e do outro, o absurdo. As mãos humanas deveriam estar prontas para socorrer umas às outras.

Não é bem assim. A consciência preservacionista não exclui uma espécie em detrimento de outra. O problema seria cuidar tão-somente dos animais ditos irracionais, sem ter ciência dos milhões de homens e mulheres, de todas as idades e classes sociais, que penam hoje, na face da Terra, vítimas de uma incrível variedade de males, boa parte deles contornável a partir de uma divisão mais justa das riquezas que o conjunto das sociedades produz.

Há pouco mais de um século, Jan Christiaan Smuts prescreveu, em sintonia com a escola aristotélica, que o todo é mais importante que as partes. Para o criador - ou renovador - do conceito de Holismo, a vida deve ser pensada de maneira sistêmica, e não cartesiana. Tudo deve ser levado em conta, sob pena das soluções saírem, no mínimo, pela metade. Natureza é unidade; interdependência entre os vivos, e entre estes e os inanimados.

Felizmente, percebe-se, no Brasil, um cuidado crescente com os animais, tantos os domésticos, ou seja, criados em casa, como aqueles que têm a rua como morada. Animais como gatos e cachorros são vítimas de muitos destratos, que variam do abandono à agressão física. As cidades são coabitadas por pessoas e animais, e as variadas espécies de viventes necessitam de proteção legal, para não se tornarem alvo dos comportamentos violentos dos humanos.

A adoção de animais abandonados está se tornando rotineira, assim como aumentam as denúncias de maus-tratos. As forças policiais especializadas também têm dispensado mais atenção ao comércio ilegal de animais, que envolve cifras bilionárias. De modo geral, a ação humana sobre a Terra, que atende pelo nome de progresso, é agressiva ao meio ambiente, não necessita, portanto, do incremento de atitudes insensatas individuais.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

U'a mulher bonita

Não se sabe o alcance de uma crônica publicada num jornal de província. Um desses meus textos deu com os costados no Porto - a mui leal cidade do Porto, ali em Portugal. E foi lido pelo patricio Xbixel, que é o nome dele a Internet. Ou seja, o nickname. Desculpe, Douto leitor, se você teve a impressão que tenho alguma intimidade com a Aldeia Global. Quisera eu ter. O pouco que sei da Global Village mal dá para escrever estas maltraçadas.

Mas vamos a Xibichel. Ele não mora exatamente no Porto, mas em Gaia, que é a cidade gêmea do Porto. Este é mais famoso e conhecido, até pelo vinho. Você já ouviu falar em "vinho de Gaia"? Vou perguntar a Xibichel se isso existe. Mas, vinho do Porto, todo bodegueiro brasileiro conhece. Sem falar nos similares, como o vinho feito na cidade serrana

de Vila Nova da Rainha, no semi-árido paraibano, extraído de uvas desenvolvidas de castas dos parreirais do Rio São Francisco.

O texto em pauta foi a crônica "Minke", com várias publicações, nos jornais Correio da Paraíba, A União e na revista Vermelho, do PCdoB. Essa crônica repercutiu até no Japão. E, em Portugal, provocou o retorno de Xibichel! Ela está no meu livro Deliciosos, e, brevemente, numa seleção de textos que vou publicar se A União me ajudar. Hoje,

A União é o único jornal impresso da Paraíba. Literalmente, cumpre o seu papel. Literalmente, não decepcionará Noel Rosa: "... a minha cama é uma folha de jornal..."

Este texto é escrito a muitas mãos. Inclusive as do gato Ferrugem, que veio me cumprimentar roçando seu pelo sedoso nos meus pés. Esse costume felino lembra-me o poeta Raymundo Asfora, que dizia não saber se o gato estaria limpando-se com esse gesto de se esfregar nas pernas das calças das pessoas. Eu ia dizendo "dos homens", mas me lembrei que as mulheres também estão vestindo bombachas nas suas pilchas.

Você conhece a pilcha. É aquela vestimenta do gaúcho. Botas, bombachas, guaiaca - a faixa que o ché usa na cintura em vez do cinturão. Pois o cinturão, assim como as calças, são invenções portuguesas. Antes, os manúéis e joaquins usavam saiotos como os escoceses. Quicá inda usem, lá para as bandas de Trás-os-Montes. Saberá Xibichel. Vou perguntar a ele: ó Xibichel... tu que moras perto. Douto Leitor, você conhece Trás-os-Montes? Permite-me mostrar-lhe um pouco de sua música, na voz de Né Ladeira, La Çarandilheira: (não estou conguindo zipar a peça; fico lhe devendo essa, mas você pode entrar direto, chamando Né Ladeiras É u'a mulher bonita.

tes, os manúéis e joaquins usavam saiotos como os escoceses. Quicá inda usem, lá para as bandas de Trás-os-Montes. Saberá Xibichel. Vou perguntar a ele: ó Xibichel... tu que moras perto. Douto Leitor, você conhece Trás-os-Montes? Permite-me mostrar-lhe um pouco de sua música, na voz de Né Ladeira, La Çarandilheira: (não estou conguindo zipar a peça; fico lhe devendo essa, mas você pode entrar direto, chamando Né Ladeiras É u'a mulher bonita.

tes, os manúéis e joaquins usavam saiotos como os escoceses. Quicá inda usem, lá para as bandas de Trás-os-Montes. Saberá Xibichel. Vou perguntar a ele: ó Xibichel... tu que moras perto. Douto Leitor, você conhece Trás-os-Montes? Permite-me mostrar-lhe um pouco de sua música, na voz de Né Ladeira, La Çarandilheira: (não estou conguindo zipar a peça; fico lhe devendo essa, mas você pode entrar direto, chamando Né Ladeiras É u'a mulher bonita.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

Mil e uma utilidades

Fechamento de jornal (não confundir com fechamento de edição do jornal) não deixa boa impressão. Mas será que já antecipa o fim do jornal impresso? Alguns acham que sim, outros, que não. Sem contar os que não se cansam de repetir as mil e uma utilidades do jornal impresso, como a coluna lembra a seguir:

- Uso doméstico:
- Amadurecer banana, abacate...
 - Recolher lixo.
 - Limpar vidros.
 - Dobradinho, serve para alinhar os pés da mesa.
 - Embrulhar louças na mudança.
 - Recolher a sujeira do cachorro.
 - Forrar a gaiola do passarinho.
 - Cobrir os móveis e o piso antes de pintar a casa.
 - Evitar que entre água por baixo da porta.
 - Proteger o piso da garagem quando o carro está vazando óleo.
 - Matar moscas, baratas e demais insetos.
 - Na época da crise econômica, usá-lo como papel higiênico, mesmo que seja um pouco duro.
- Uso educativo:
- Bater no focinho do cachorro quando faz xixi dentro de casa.
 - Fazer barquinhos de papel.
 - Arrancar um pedacinho em branco para anotar número de telefone.
- Uso comercial:
- Alargar o sapato.
 - Rechear bolsas para conservar a forma.
 - Embrulhar peixes.
 - Embrulhar pregos na loja de produtos

- para construção.
- Fazer um chapuzinho para o pintor ou para o pedreiro.
 - Cortar moldes para o alfaiate ou para a costureira.
 - Embrulhar quadros.
 - Embrulhar flores.
- Uso festivo:
- Acender a churrasqueira.
 - Acender a fogueira de São João.
 - Rechear a caixa de presente-surpresa
- Outros usos:
- Para os sequestradores utilizarem suas letras nas cartas.

/// Fechamento de jornal (não confundir com fechamento de edição do jornal) não deixa boa impressão. Mas será que já antecipa o fim do jornal impresso? ///

- Fazer bolinhas para jogar nos companheiros de classe.
 - Fazer uma capinha para o machado ou foice.
 - Fazer proteção na cabeça para não estragar a chapinha quando estiver garoando.
 - Nos filmes, para os bandidos esconderem o revólver.
 - Para esconder-se atrás dele quando não quiser que te vejam.
 - Substituir o papel higiênico nos banheiros de rodoviária.
 - Servir de cobertor.
 - Ah! E, por último:
 - Para ler as notícias.
- Saideira
- O editor do jornal ligou para a igreja. Queria confirmar se o presidente da República iria assistir à missa do domingo. Neste caso, pedia permissão para enviar uma equipe destinada a fazer a cobertura. O padre respondeu:
- O presidente não virá, mas Deus estará presente. Seria suficiente para V.Sa. enviar sua equipe?

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

HOJE TEM...



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Águas do São Francisco não chegam à Paraíba

Chuvvas elevaram nível do rio, mas Estado está sem receber água pelo Eixo Leste; Eixo Norte não foi, sequer, finalizado

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

As chuvas em Minas Gerais e na Bahia beneficiaram o Rio São Francisco, que apresenta um bom volume de água, trazendo reflexos positivos em alguns reservatórios do Nordeste. Um deles é o de Sobradinho, principal represa do Velho Chico na Bahia, que chegou a registrar mais de 90% de sua capacidade este ano. O rio do Projeto da Integração Nacional também poderia, por meio do Eixo Leste e Norte da Transposição, trazer mais água e fartura aos municípios paraibanos, mas isso não está ocorrendo.

As obras do Eixo Norte, no trecho paraibano, ainda não foram concluídas. E de acordo com o diretor presidente da Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba (Aesa), Porfírio Catão Cartaxo Loureiro, o bombeamento de água do Eixo Leste (que chega por Monteiro) está parado no Estado. A última atividade ocorreu entre novembro de 2019 até fevereiro deste ano.

De lá até agora, não está ocorrendo liberação de água para as cidades paraibanas.

“Desde fevereiro, não temos liberação no portal Monteiro. Devido às chuvas do início do ano, houve transbordamento em alguns reservatórios da Transposição, como foi o caso de um canal em Seretânia. O Ministério (do Desenvolvimento Regional) parou o bombeamento para fazer os consertos e não houve mais retorno”, explicou Porfírio.

Caso houvesse atividade no Eixo Leste da Transposição ou a obra do Eixo Norte tivesse sido entregue, a carência de água no Semiárido poderia ser suprida. Um exemplo é a Barragem de Acauã, que segundo Porfírio Catão, registra apenas 18% de sua capacidade.

Mas como o período chuvoso este ano foi satisfatório em algumas cidades do Estado, a situação de alguns açudes não traz preocupação. Porfírio Catão conta que os açudes de Poções e Camalaú, por exemplo, atingiram a capacidade máxima, enquanto o

volume de água de Boqueirão chegou a 60%.

“Hoje o Eptácio Pessoa (Boqueirão), que abastece 21 cidades, inclusive Campina Grande está com 59%; Poções está com 82% e Camalaú com 53%”, afirmou o diretor presidente da Aesa. De acordo com ele, esses são os açudes que podem receber água do Eixo Leste da Transposição do Rio São Francisco. “Por enquanto, a capacidade está tranquila. Mas, se o bombeamento do Eixo Leste estivesse funcionando, a situação seria melhor, porque permitiria levar água para a Barragem de Acauã, que está numa fase crítica”.

Segundo ele, o Ministério do Desenvolvimento Regional não informou quando o bombeamento do Eixo Leste iria retornar. A reportagem procurou esta resposta com o órgão federal, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição. Foram enviadas perguntas também sobre a expectativa da entrega das obras do Eixo Norte, mas também sem que houvesse retorno.



Transposição traz segurança hídrica

Dados da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) mostram que o Velho Chico registra este ano maior armazenamento de água do que em 2019. A situação do Reservatório Equivalente do São Francisco, que reúne o somatório de Três Marias (MG); Sobradinho (BA) e Itaparica (BA/PE) é de 60,1% de seu volume útil. O percentual foi observado na última segunda-feira, dia 19. No mesmo período do ano passado, esse volume era de 41,33%. A alta do nível de água está ligada à frequência das chuvas na bacia do rio.

Há décadas, as águas do São Francisco são esperança de bonança para estados da Região Nordeste castigados pela seca. O biólogo e doutor em Ecologia, Ethan Barbosa, afirma que a integração do Velho Chico é importante para o Nordeste, uma vez que foi pensado para aumentar o aporte de água do ponto de vista da segurança hídrica da região.

Ele relembrou o forte período de seca iniciado em 2011 (que perdurou por cerca de oito anos), quando os reservatórios da Paraíba ficaram bem abaixo de seu potencial máximo. Um exemplo foi o Açude de Boqueirão,

que em abril de 2017 alcançou 2,9% de sua capacidade. “Se não fosse a integração do Rio, seria imprevisível o que aconteceria na região metropolitana de Campina Grande. Teríamos possivelmente um colapso. Vendo desse ponto de vista do aporte de água, a integração é positiva porque traz uma segurança hídrica a longo prazo”.

Há outro ponto relevante do projeto citado pelo ecólogo: o de criar emprego, renda e melhorar as condições sociais dos nordestinos. Ethan Barbosa afirma que o projeto pode alavancar a economia regional. “Se bem direcionados, podem mudar o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Nordeste, que é tão criticado”, acrescentou.

Já do ponto de vista ambiental há preocupações. Ele citou que a Bacia do Rio Paraíba precisa de uma atenção especial. “É uma bacia que está há vários anos com passivo na área de solos, na área da vegetação e na sua biodiversidade. Essa bacia precisa ser reabilitada. E o São Francisco pode ser esse elemento que traga um olhar diferenciado para um novo planejamento da bacia”, destacou.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

UM PARDAL NA MÃO: SOCIEDADE TEM A CHANCE DE ZELAR PELA LICITUDE ELEITORAL

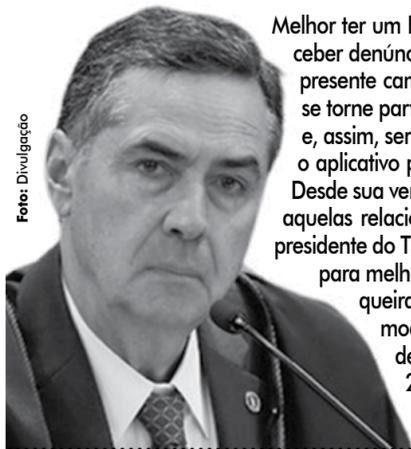


Foto: Divulgação

Melhor ter um Pardal na mão – o aplicativo disponibilizado pelo TSE, desde 27 de setembro, para receber denúncias de propaganda irregular – do que não denunciar o que se vê de irregularidade na presente campanha eleitoral. Lançado na eleição de 2014, a ferramenta permite que a sociedade se torne partícipe do processo eleitoral, no que diz respeito a também fiscalizar a lisura das eleições e, assim, ser uma parceira do TRE e do Ministério Público Eleitoral (MPE) no combate à corrupção – o aplicativo pode ser baixado gratuitamente na Apple Store (iOS) e na loja Google Play (Android). Desde sua versão original, o Pardal é utilizado para noticiar diversos tipos de infrações, entre as quais aquelas relacionadas à propaganda eleitoral e à compra de votos. A versão 2020, aprovada pelo presidente do TSE, ministro Luís Roberto Barroso (foto), que criou um grupo de trabalho exclusivamente para melhorar o sistema, o aplicativo tem foco prioritário em propaganda eleitoral. Caso o eleitor queira registrar outro tipo de denúncia, poderá clicar no tópico ‘Outros crimes eleitorais’, de modo a ser encaminhado ao site do Ministério Público Eleitoral, onde poderá registrar a denúncia. Dados da Ouvidora do TRE-PB mostram que, desde o início da campanha, em 27 de setembro, foram recebidas 1.094 denúncias, sendo 450 pelo aplicativo Pardal, 251 pelo Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e 393 denúncias por via telefônica.

OUTROS CANAIS DE DENÚNCIA

Além do aplicativo Pardal, os eleitores têm outros meios para denunciar eventuais irregularidades cometidas por candidatos nestas eleições. A Ouvidoria Eleitoral da Paraíba pode ser contatada pelos telefones (83) 3512-1381 e 3512-1451 ou ainda pelo endereço eletrônico ouvidoria@tre-pb.jus.br.

CAVALO PASSOU SELADO

E o senador em exercício Diego Tavares revelou, em entrevista a emissora de rádio, ter sido convidado pelo deputado Aguinaldo Ribeiro para ser candidato a prefeito de João Pessoa pelo PP – Diego ainda estava no PV, à ocasião, em janeiro. Sendo assim, devemos entender que o cavalo passou selado, mas ele não montou.

SEMANA VIRTUAL DO LIVRO

‘Semana Virtual do Livro e da Biblioteca’ é o evento promovido pela UFCG, em parceria com a UFPB, UEPB e IFPB, de 27 a 30 de outubro. Com o tema central ‘Livro e Biblioteca: cultura, liberdade e cidadania’ serão debates políticos públicas de incentivo à leitura e à produção literária. Evento será transmitido às 20h pelo canal <https://www.youtube.com/c/SistemotecaUFCG>.

AS SEGUNDAS ONDAS

Para aqueles que insistem em negligenciar os cuidados contra a covid-19, registro o alerta de Mike Ryan, diretor de operações da Organização Mundial de Saúde (OMS): “Ninguém está fora de risco. O que aprendemos, certamente no Hemisfério Norte, é que segundas ondas não apenas são possíveis, mas fortemente provável em qualquer lugar”.

“ESTAR MELHOR PREPARADO”

Ainda Mike Ryan, da OMS: “Locais que foram atingidos fortemente pela pandemia na primeira onda podem ser atingidos duramente uma segunda vez. Para países como o Brasil, é importante continuar a levar a curva de casos para baixo e, se uma segunda onda chegar, estar melhor preparado”.

DESEMBARGADOR ALERTA SOBRE DANOS DE ‘FAKES’ À DEMOCRACIA

Futuro presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) – assumirá a presidência em 12 de novembro, a três dias da votação do primeiro turno –, o desembargador Joás de Brito, atual vice-presidente da corte eleitoral, alertou eleitores para ficarem atentos às fake news: “Podem eleger pessoas que não mereceriam votos”.

Maysa Félix de Araújo

Coordenadora das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher

“Nossa luta é por respeito e liberdade”

Delegada fala sobre o trabalho de combate à violência contra a mulher, realizado no Estado, e a importância de ser finalista do Prêmio Viva

Sara Gomes

saragomesilva@gmail.com

A delegada da Polícia Civil da Paraíba, Maysa Félix de Araújo, é uma das três finalistas na categoria Segurança e Justiça do Prêmio Viva 2020, promovido pelo Instituto Avon e Marie Claire. A edição deste ano homenageia ações

emergenciais de defesa dos direitos das mulheres - maiores vítimas de violência e privações econômicas durante a pandemia e fora dela. Indicada ao prêmio em virtude do Programa Mulher Protegida, criado pela Secretaria do Estado da Segurança e da Defesa Social (Sedes), a delegada atua há 32 anos na Polícia Civil da Paraíba, sendo cinco

anos à frente da Coordenação de Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Coordeam). Em entrevista A União, a finalista apresentou informações sobre o programa e ações desenvolvidas ao longo de sua gestão.



Foto: Arcevo pessoal

A entrevista

Como o Instituto Avon e a Revista Marie Claire tomaram conhecimento das ações desenvolvidas pelas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher da Paraíba (Deams)?

■ Na primeira quinzena de setembro, recebi uma ligação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). A direção gostaria de saber como a pandemia impactou as experiências premiadas, o Programa Mulher Protegida é uma destas experiências, tanto é que ganhamos o selo de Práticas Inovadoras 2019 do Fórum. Respondia os questionamentos, mas em nenhum momento fui comunicada que seria inscrita no Prêmio Viva 2020.

Qual o sentimento de ser indicada a um prêmio desta relevância?

■ Pouco tempo depois, recebi a ligação do Instituto Avon, informando que era uma das três finalistas. Quando me lembro, ainda me emociono, pois tinha sido um dia bem puxado na delegacia, aqueles dias que você se pergunta: “Como é que vou concatenar tudo isso e conseguir dar encaminhamento?” Esse reconhecimento não é de Maysa; eu sou apenas parte do processo. Dedico esta indicação a todos os profissionais de segurança pública da Paraíba, em especial, às companheiras(os) das Deams, escrivães, agentes de investigação, delegados(as), profissionais do Centro de Operações da Polícia Militar (Ciop), assistentes sociais, psicólogos, setor administrativo, auxiliares de serviço, ou seja, a todos os profissionais que estão nesta luta comigo. Quero agradecer, também, o engajamento dos movimentos sociais, à imprensa paraibana, Ministério Público, Câmara Municipal, Poder Judiciário e ao Governo do Estado. Os nossos superiores sempre acreditaram na efetividade de nossas ações, dando o apoio necessário na construção de políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher. Portanto, este prêmio veio fortalecer ainda mais a minha vontade de continuar essa jornada, sabendo que estamos caminhando em passos fortes e seguros.

O Programa Mulher Protegida ampliou alguns mecanismos de segurança pública voltados para a proteção da vida e da liberdade, no qual inclui o aplicativo SOS Mulher. Ele integra o Paraíba Unida pela Paz, que surgiu em 2011, mas só foi formalizado através da lei 11.049/2017. Como estas iniciativas foram desenvolvidas e se fortaleceram ao longo do tempo?

■ O Programa Mulher Protegida foi uma estratégia para otimizar e articular as diferentes ações para proteção e assistência às mulheres em situação de violência, no âmbito da Segurança Pública. As ações diárias das Deams foram traçando o caminho para desenvolver estas políticas públicas. Ele colaborou para qualificar as ações, melhorar as rotinas e procedimentos e uniformizar os atendimentos entre o corpo de policiais. Desse modo, fortaleceu a imagem e institucionalidade do trabalho de enfrentamento à violência contra mulheres em todo o Estado. As ações foram traçadas e executadas pelas Polícias Civil e Militar e, na perspectiva intersetorial, conta com a parceria da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH).

O SOS Mulher foi criado para atender mulheres com risco eminente de morte mas que não desejam interromper a sua atividade econômica pois teriam que se refugiar no abri-

go provisório. De 2014 até o primeiro semestre deste ano, 583 mulheres foram atendidas pelo Centro de Operações da Polícia Militar (Ciop-PB). Como essa ferramenta monitora a segurança destas mulheres?

■ As mulheres vítimas de violência doméstica - que integram o Projeto SOS Mulher - recebem um celular interligado com o Ciop. Por meio desse celular, a vítima informa a situação detalhada em que se encontra, desencadeando a atuação policial adequada. Com o auxílio do GPS, a Polícia Militar consegue identificar o local exato onde a vítima está.

O aplicativo permite que a mulher peça ajuda apertando a cor do botão, conforme o nível de ameaça. Ao acionar ajuda, o sistema localiza a viatura policial mais próxima do local da ocorrência. Atualmente, existem 68 mulheres assistidas pelo SOS Mulher, na Paraíba

A Patrulha Maria da Penha, coordenada pela Semdh, é outra iniciativa pioneira na proteção às mulheres em situação de violência. Criada em agosto de 2019, quais os resultados apresentados em um ano de funcionamento?

■ As Polícias Civil e Militar auxiliam na efetivação dessa política pública. O Programa Integrado Patrulha Maria da Penha, em um ano de funcionamento, realizou 1.462 atividades, entre visitas, atendimento social, jurídico e acionamentos de plantão da equipe técnica, reuniões e grupos terapêuticos. Além disso, até agora, 16 homens foram presos em flagrante por descumprimento de medida protetiva. Segundo o último boletim da Patrulha, no total, 434 mulheres foram atendidas no período de 7 de agosto até 7 de outubro deste ano.

Por que é tão difícil sair de um relacionamento abusivo? Como encorajar a mulher a sair do ciclo da violência?

■ A mulher, muitas vezes, não consegue perceber que está entrando em um relacionamento abusivo. Frases como “eu te amo tanto que não consigo parar de pensar em você o dia todo. O que você fez hoje?” e “eu não quero você conversando com ninguém porque tenho ciúme, meu amor. Converse só comigo!”, além de ficar ligando a cada dois minutos para saber onde ela está são práticas típicas do agressor. Ela (a vítima) interpreta esse comportamento como prova de amor. O ciclo de violência não se inicia com uma grande explosão e, sim, quando a vítima começa a discordar destas atitudes. A partir daí, o agressor começa a levantar a voz, se arrepende e pede perdão. A mulher perdoo porque não quer confusão. Depois de 30 dias, o levantar a voz se torna um empurrão, depois um tapa. A vítima vem à delegacia, recebe o atendimento humanizado, mas ainda não consegue sair do ciclo da violência. Se algum amigo(a) ou familiar tiver conhecimento ou desconfiar que uma mulher está sendo vítima de violência doméstica, o primeiro passo é tentar ouvi-la sem julgamentos. Quem está de fora da história não consegue compreender o porquê da vítima não conseguir sair deste ciclo. É uma situação extremamente delicada que, muitas vezes, envolve um grande sentimento da vítima pelo agressor. A mulher precisa de ajuda para enxergar

as novas possibilidades. Sempre há uma saída. Existe, na Paraíba, uma Rede de Atenção às Mulheres em situação de violência doméstica e sexual (Reamcav) para ampará-la.

O isolamento social tem sido a forma mais segura de combater a propagação da covid-19. Por outro lado, as mulheres vítimas de violência doméstica estiveram mais vulneráveis por estarem confinadas, em tempo integral, com o agressor. Como foi a atuação da Coordeam, no início da pandemia?

■ Em momento algum houve interrupção dos serviços prestados pelas forças de segurança pública do Estado. Mas, já nos primeiros dias de isolamento social, constatamos uma retração na formalização de denúncias de violência doméstica. A necessidade de isolamento social desafiou muito a execução de políticas de enfrentamento à violência contra mulheres no tocante à repressão, assistência e prevenção. Acredito que o maior desafio foi desenvolver estratégias para chegar perto das mulheres e demonstrar o apoio e a presença do Estado, então, criamos mecanismos à distância para ampará-las. Em relação às ações preventivas, conseguimos, nesse período de pandemia, dar continuidade, de forma virtual, à qualificação continuada dos profissionais da Segurança Pública em todo o Estado da Paraíba, incluindo as três esferas da Segurança Pública: Polícia Civil, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros.

As estratégias desenvolvidas pela Segurança Pública da Paraíba no início da pandemia serviram de referência para outros estados. A criação da Delegacia Online foi um serviço pioneiro no Brasil. Comente a respeito dessas ações.

■ Já estávamos preparando o lançamento da delegacia online em alusão ao mês da mulher. Com a chegada da pandemia, disponibilizamos a possibilidade do boletim de ocorrência online para recepcionar as denúncias de violência doméstica, exceto agressão física e sexual. Desse modo, observamos uma procura crescente por parte das mulheres vítimas de violência doméstica. No mês de abril, a Companhia de Processamento de Dados da Paraíba (Codata) - em parceria com a Polícia Civil - desenvolveu um sistema específico que foi possível acrescentar a solicitação de medida protetiva (com ou sem representação criminal), bem como a aplicação do questionário de risco - este com a colaboração do Poder Judiciário e do Ministério Público - para termos uma noção real da situação em que a mulher se encontra quanto à sua segurança.

A Coordeam, em parceria com a Academia de Polícia Civil da Paraíba (Acadepol-PB), realizou três webnários, com vários convidados, discutindo violência doméstica, questões de gênero, medidas protetivas e os desafios que a Segurança Pública vem enfrentando durante a pandemia. Além disso, tanto a Polícia Civil como a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH) realizaram diversas campanhas de enfrentamento à violência doméstica e intensificaram a divulgação nas redes sociais, as ferramentas disponíveis para denúncias através dos telefones: 197 (Polícia Civil),

190 (Polícia Militar), 123, 180 e 100.

O caminho para diminuir as violências de gênero está na Educação? Como educar as próximas gerações?

■ Essa pergunta é fundamental. Precisamos discutir violência de gênero nas escolas porque é nesse ambiente que estão sendo formados os futuros agressores e vítimas do amanhã. Por que tantas mulheres morrem vítimas de feminicídio? Por que não podemos amar? A nossa luta é por respeito e liberdade. Não precisamos ter medo e, sim, enfrentar essa masculinidade tóxica que nos mata, humilha e maltrata. Temos que ultrapassar as barreiras do machismo, patriarcado e toda essa questão cultural que tem ceifado a vida de tantas mulheres. Em paralelo a essas ações diretamente relacionadas às vítimas que chegam às delegacias, o Programa Mulher Protegida também atua com trabalhos de prevenção, realizando palestras educativas e de conscientização, abordando o tema violência doméstica nas escolas, sindicatos, universidades, associações, indústrias, canteiros de obras da construção civil, além de panfletagens em ruas, praças e eventos.

Quais os casos mais marcantes ao longo de sua trajetória no enfrentamento à violência contra a mulher?

■ Existem vários casos marcantes na história das Deams, mas o que mais nos emociona é quando conseguimos tirar a mulher do ciclo de violência. Saber que ajudamos a empoderá-la é gratificante, resgatando sua autoestima para que possa seguir sua vida com o respeito que merece, se libertando das amarras do que é viver na opressão.

O feminicídio continua sendo a maior motivação dentre os Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) contra a mulher no Brasil. Atualmente a Paraíba é a única unidade da federação a registrar oito anos consecutivos de redução de assassinatos (2012 a 2019). A que se deve essa diminuição?

■ A diminuição do feminicídio no Estado pode ser explicada pelas políticas públicas que vêm sendo desenvolvidas em relação ao enfrentamento da violência contra a mulher em parceria com a sociedade civil organizada, Semdh, Ministério Público, Poder Judiciário, Legislativo, Imprensa e todos que compõem a rede. De janeiro a setembro de 2020, registramos uma diminuição de 22,2% no número de feminicídios, comparado ao mesmo período do ano passado. Isso é valioso porque cada vida poupada é importante. Por outro lado, os CVLI aumentaram 22,64%.

Dentro das políticas desenvolvidas pelo Programa Paraíba Unida pela Paz, em 2015 (a partir da Lei do Feminicídio), teve início um estudo da motivação do CVLI de mulheres. Ou seja, antes de 2015, os registros de mortes de mulheres não informavam quais mortes tinham como motivação o feminicídio, uma vez que essa qualificadora não existia.

A partir da implementação da lei, passamos a realizar um trabalho minucioso de investigação, estudando os fatores de risco em cada área. A inteligência da Polícia Civil criou o setor de estatística para mapear as áreas onde ocorreu os crimes, aperfeiçoando a cada ano a melhoria dos nossos atendimentos.



Elas venceram um inimigo em comum com fé e na coragem

Três mulheres que tiveram câncer de mama contam como superaram a doença e, hoje, ajudam outras pessoas

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

Força, determinação, resiliência, esperança. Esses são alguns dos elementos que acompanham mulheres que venceram um inimigo em comum: o câncer de mama. Cada uma, a seu modo, tem uma história de superação para contar e, também, levam para vida toda a lição de que é a vitória é possível.

A professora de educação infantil, Luciana, Lino é uma dessas mulheres. Até os 45 anos, nunca havia realizado uma mamografia. O nódulo foi descoberto no final do ano de 2016 enquanto tomava banho e, através de uma amiga chegou até a Organização Não Governamental Amigos do Peito, onde por meio do projeto Chance, fez exames e a biópsia. Para ela, o diagnóstico foi inesperado.

“Na hora que descobri eu nem imaginaria que seria um câncer, mas aí quando fui pra medica, ela avaliou e perguntou se na minha família tinha tido algum diag-



Foto: Evandro Pereira

nóstico. Nunca tive, eu fui a primeira e espero que seja a última também. Eu fui bem tranquila mesmo quando eu recebi a biópsia e apareceu o diagnóstico”, disse.

A partir daí, a quimioterapia teve início em maio de 2017 e em 2018 fez radioterapia. O primeiro tratamento foi feito antes da cirurgia e fez

o tumor regredir, não sendo necessário retirar todo o seio. “Em dezembro de 2017, eu fiz a cirurgia. Algum tempo depois, começou a radioterapia até junho e julho de 2018. O tumor estava evoluindo muito rápido, mas com as quimioterapias ele regrediu, estava em 6.8 centímetros e, no momento da cirurgia,

estava com 1.6”, acrescentou. Luciana mora no bairro do Valentina, em João Pessoa e ressalta que em casa, aumenta seus cuidados preventivos. Sempre faz exames periódicos e procura passar sua experiência para frente atuando na ONG Amigos do Peito. “Uma vez que a pessoa teve o câncer, tem que

“// Uma vez que a pessoa teve o câncer, tem que ter todo o cuidado, sempre fazer os exames, se alimentando bem. Já tive amigas de batalha que perdi porque não deu valor à alimentação, achou que estava tudo bem.

O primordial é estar atenta absolutamente a tudo.

A gente tem que se cuidar //

Luciana Lino
Professora de Educação Infantil

ter todo o cuidado, sempre fazer os exames, se alimentando bem. Já tive amigas de batalha que perdi porque não deu valor à alimentação, achou que estava tudo bem. O primordial é estar atenta absolutamente a tudo. A gente tem que se cuidar”, aconselha.

Hoje, aos 48 anos avalia

que desde as descobertas até o final da radioterapia, nunca se deixou abalar. “Nunca me deixei desanimar. Fiz cirurgia, quimioterapia, tudo o possível. Em momento algum desanimei ou achei que iria fracassar e não iria dar certo. Tanto que hoje estou aqui para contar a história”, comemora.

+ Descoberta precoce é fundamental

A psicóloga e advogada, Fátima Lucena, mora em Jacumã, na cidade do Conde e há 20 anos descobriu o câncer de mama durante um exame de rotina, aos 46 anos de idade. Em meio ao tratamento, retirou totalmente a mama e fez a reconstrução. No entanto, não precisou de quimioterapia nem radioterapia, apenas a hormonioterapia todos os dias durante cinco anos.

“Eu sempre fiz exame de rotina todo ano e tive muita sorte porque a descoberta foi precoce, porque eu fazia a mamografia, a ultrassonografia e, não fiquei preocupada, nem tive depressão. Quando minha avó paterna morreu de câncer de mama, eu tive muito medo quando era criança. Só que minha avó materna mostrou que eu poderia até ter um câncer, mas isso não queria dizer que eu iria morrer. E

eu me preparei. Não me preocupei”, falou determinada.

Em todo este processo, Fátima elogia o apoio familiar que recebeu. Seu marido esteve ao seu lado no surgimento da ONG Amigos do Peito, onde trabalha até hoje e já foi uma das presidentes. “Foi aí que eu, nas minhas orações durante a recuperação da cirurgia, prometi a Deus que iria ajudar pessoas pacientes de câncer e assim estou fazendo, ajudando outras mulheres”, pontuou.

Hoje, aos 66 anos, realiza várias ações ao longo do ano como palestras e lives sobre câncer de mama durante a pandemia. “O câncer de mama não é sentença de morte. O importante é fazer a mamografia anual junto com a ultrasson. Quando descobre um grau baixo, a possibilidade de sobrevivência é de 100%”, finalizou a advogada.

É importante manter a calma

A estudante do curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Izabel Alves tinha 38 anos quando descobriu que estava com a doença e precisaria fazer a retirada total da mama esquerda. Após três anos da cirurgia, segue a hormonioterapia e o acompanhamento no Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa.

O diagnóstico foi através de uma ultrassonografia, pois ela já vinha sentindo algo estranho na mama esquerda. “Era como um carocinho, mas nem me importei muito. Achei que era

um nódulo normal, que com o tempo ou uma mini cirurgia ficaria tudo bem. Mas foi crescendo e passei a me preocupar e fiquei sabendo que não era tão simples assim”, comentou.

Receber a notícia para ela foi um grande impacto, mas Izabel conta que a fé e a esperança a ajudaram em todos os momentos. “Deus nunca me abandonou. Senti medo sim. Quem é que não sente, não é mesmo? Você pensa que não vai conseguir, pensa que vai morrer”, relembrou.

Izabel foi encaminhada para o Napoleão Laureano, onde fez a consulta com a mastologista e o oncologista, onde teve acesso ao tratamento composto por seis meses de quimioterapia e 33 sessões de radioterapia.

Logo após, veio a mastectomia. Atualmente faz a hormonioterapia e terá que tomar a medicação por dois anos, já que são cinco anos no total.

A estudante continua sua rotina normalmente. Também integrou da Amigos do Peito, entre suas prioridades está conscientizar as mulheres sobre o diagnóstico precoce.

“Aconselho as mulheres que receberam um diagnóstico de câncer de mama que mantenham sempre a calma, pois o grande segredo para tudo isso é a fé. Sabemos que o caminho a percorrer não será fácil, mas que essa batalha será vencida. Nunca deixe de lutar por vocês. Sejam fortes e corajosas”, finalizou a estudante.



Fotos: Divulgação

Fátima Lucena trabalha na ONG Amigos do Peito, onde ajuda outras mulheres com câncer de mama



No começo, Izabel achava que era apenas um ‘carocinho’, nada sério. Foi quando descobriu que o diagnóstico apontava para um tumor maligno

Outubro Rosa

Racismo: um combate urgente e necessário

Dados da Polícia Civil registram, este ano, 33 casos de preconceito e injúria racial na PB; em 2019, foram 77

Nilber Lucena
Especial para A União

Na Paraíba, de acordo com dados da Polícia Civil foram registrados 77 casos de preconceito e injúria racial no ano passado. Até setembro deste ano, o órgão registrou 33 casos. E, de janeiro de 2019 a setembro de 2020, foram

103 casos de racismo ou intolerância religiosa. Nos últimos dias, três episódios que aconteceram em João Pessoa chamaram atenção e, mais uma vez, veio à tona o sempre necessário debate sobre o preconceito racial. Afinal, racismo existe e é crime.

O preconceito, citado no relatório da Polícia Civil,

envolvem os crimes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião e também xenofobia.

Cenário racista

O primeiro dos casos, ocorreu no dia 10, quando uma senhora foi flagrada agredindo verbalmente o segurança de um supermercado. As imagens mostram a idosa chamando o segurança de “nego besta” e, em seguida, de “branca de neve”. As ofensas prosseguiram e nem o fato de estar sendo filmada intimidou a mulher.

O segundo caso aconteceu dia 14 dentro de uma agência bancária. Uma mulher foi detida após agredir verbalmente um guia de turismo. Nas imagens, ela

se auto-intitulou “a maior racista do planeta Terra” e depois afirmou: “odeio a raça negra”. O caso logo viralizou nacionalmente.

O terceiro caso de preconceito veio da mesma senhora detida dentro da agência bancária. Dessa vez, ela está em um caixa de uma loja e chama os negros de “pior raça”. A coisa não parou por aí. Em outro trecho ela falou: “Raça negra para mim é a pior raça. Olhe, seja homem, seja mulher, seja menino, seja o que for, raça negra não presta”. A mulher foi indiciada por injúria racial e solta, após pagar fiança.

Racismo estrutural

Um dos mecanismos sociais utilizados ao longo da história para dificultar o combate ao racismo é negar a sua existência e, ao passo em que cresce a cobrança por parte da sociedade por uma postura que respeite as particularidades de cada

indivíduo, essa negação das práticas racistas também aumenta. Os números apresentados no relatório da Polícia Civil demonstram que muitas pessoas já conhecem seus direitos. Mas ainda há muito a ser reparado e conquistado.

Yanka Oliveira de Lima, estudante de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) comenta sobre o ato de negar a existência do racismo e sobre as tentativas de se deslegitimar o combate a esse tipo de crime.

Ela conta que o racismo estrutural e institucional está enraizado de uma forma que, para muitos, se tornou natural não ver negros em cargos de chefias, em comando de empresas, por exemplo.

“Quem é negro viven-

cia situações desagradáveis desde a infância. Já perdi as contas de quantas vezes na escola fui chamada de ‘cabelo de bucha’ ou falavam: ‘me empresta teu cabelo pra arear as panelas’. Ainda criança eu alisei o cabelo, neguei as minhas raízes para não ter que ouvir mais esse tipo de comentário. Fora as várias outras coisas faladas na maior naturalidade”, comentou Yanka.

Como mulher negra, Yanka também percebeu a influência que o racismo tinha em seus relacionamentos. “Eu nunca tive os mesmos privilégios nem em relacionamentos. Percebi que muitos homens não queriam ser vistos em público comigo por ser negra. Ser negra em uma sociedade racista é uma luta diária”, falou.



Foto: Arquivo Pessoal

Yanka Oliveira, estudante: quem é negro convive com o racismo desde criança

+ Crime que ofende a dignidade

Para o procurador regional dos Direitos do Cidadão, José Godoy o racismo institucional contribui para o sentimento das pessoas sobre a dificuldade de enquadrar quem comete esse crime como caso de racismo. “Eu acho que decorre do racismo institucional mesmo. As instituições não têm se preparado para enfrentar o crime de racismo”, afirmou.

Godoy destaca que a ausência de equipamentos especializadas em crimes de racismo é um reflexo de que ainda é preciso avançar mais na proteção da cidadania e resguardá-la. Nesse contexto, o racismo acaba sendo tratado como um crime de “menor importância”.

“Apesar de ele ocorrer numa quantidade cada vez maior é como se fosse um crime de menor importância. É um absurdo pensarmos assim, mas essa é a sensação que

eu tenho em relação às instituições, inclusive a instituição a qual eu faço parte. É um crime que ofende a dignidade e a identidade do ser humano, é um crime histórico de uma gravidade muito grande, mas as instituições sempre deixam como o último caso a ser investigado”, pontuou José Godoy.

Em alguns casos de racismo, o Ministério Público Federal (MPF) tem a competência de atuar. José Godoy comentou como acontece esse envolvimento do órgão. “O crime de racismo é da atribuição do Ministério Público Federal quando ele ocorre contra servidor público federal e em decorrência da sua função. Quando ele ocorre contra os indígenas, contra uma coletividade indígena ou quando ele ocorre na rede mundial de computadores atrai a competência da Justiça Federal”, falou.

Foto: Edson Matos



Os crimes sobre racismo são tratados como menores ou menos importantes, afirma José Godoy

SAIBA MAIS

Racismo ou Injúria Racial?

- O crime de racismo, previsto na Lei nº. 7.716/1989 (Lei Caó), implica em conduta discriminatória resultante de preconceito de raça ou de cor, dirigida a determinado grupo ou coletividade

- A injúria racial consiste em ofender a honra de alguém valendo-se de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem – conforme preconiza o art. 140, parágrafo 3º do Código Penal.

Registro de Preconceito e Injúria Racial

2019

Município	Quantidade de Casos
JOÃO PESSOA	36
CAMPINA GRANDE	22
BAYEUX	5
MAMANGUAPE	2
CABELO, CONDE, MARI, PATOS, PILAR, RIACHÃO DO POÇO, SERRA REDONDA, SOLÂNEA, SALGADO DE SÃO FÉLIX, ALGODÃO DE JANDAÍRA, MANAÍRA E GURINHÉM*	12
*registraram um caso em cada município.	

2020

Município	Quantidade de Casos
JOÃO PESSOA	16
CAMPINA GRANDE	7
CABELO	3
ALHANDRA, BAYEUX, INGÁ, NOVA FLORESTA, PATOS, SÃO JOSÉ DOS RAMOS E SOUSA	7
*registraram um caso em cada município.	

Continua na página 7



▶▶▶ Continuação

Caminhos para a igualdade

Orgãos estaduais e instituições buscam concretizar meios antirracistas para o cumprimento dos direitos humanos

Nilber Lucena
Especial para A União

Em novembro, um passo importante será dado na Paraíba no combate ao racismo e à intolerância religiosa. No mês da Consciência Negra, o Estado vai disponibilizar o Centro Estadual de Referência da Igualdade Racial. A Paraíba será o segundo Estado do Nordeste e o quarto do país a receber o Centro que terá atendimento especializado no assunto.

O Centro Estadual de Referência da Igualdade Racial da Paraíba receberá o nome de João Balula, uma homenagem do Governo do Estado ao militante histórico do movimento negro na Paraíba. O serviço vai funcionar na Rua Rodrigues de

Aquino, nº 220, Centro, em João Pessoa.

“A inauguração do Centro se caracteriza como uma ação extremamente importante em que o Governo da Paraíba dá continuidade a um trabalho já iniciado ano passado quando nós lançamos o Plano da Igualdade Racial, um trabalho conjunto da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana, e diversos órgãos governamentais juntamente com a sociedade civil em que são apontadas várias obrigações, ações e projetos das secretarias envolvidas. Todas as secretarias e órgãos governamentais têm alguma colaboração prevista no plano para que possam inserir em suas políticas medidas de combate ao racismo e a intolerância religiosa”, co-

mentou Lídia Moura, secretária da Mulher e da Diversidade Humana.

O espaço, afirmou, vai recepcionar e acolher as pessoas vítimas dessas situações e dar a elas essa assistência e fazer os devidos encaminhamentos no sentido de garantir direitos, a reparação de crimes que porventura forem cometidos contra as pessoas, tanto à população negra como também às populações de terreiro, cigana e indígena.

O Centro contará com uma equipe multidisciplinar, envolvendo advogados, assistentes sociais, psicólogos e outros profissionais que irão atuar no atendimento das vítimas de racismo e intolerância religiosa na Paraíba. Embora o Centro esteja sendo

instalado em João Pessoa, o atendimento será direcionado para as vítimas de todo o Estado.

A secretária Lídia Moura falou sobre o cenário dos crimes de racismo e intolerância religiosa na Paraíba e fez comentários acerca dos casos mais recentes que aconteceram em João Pessoa.

“O cenário do racismo e da intolerância religiosa em nosso Estado é semelhante ao cenário nacional. Nós tivemos recentemente episódios absolutamente terríveis, de uma senhora que se diz racista e ainda pede para que filmem. A gente percebe que ainda temos um longo caminho quando a população começa a dizer que ela tem transtornos na tentativa de justificar”, afirmou.



Lídia Moura: Centro para Igualdade Racial é um grande avanço no Estado

Racismo e injúria racial ainda têm punições brandas

Uma das dificuldades encontradas pelas vítimas e por quem atua no combate ao racismo é o entendimento, num primeiro momento, do que é racismo e o que é injúria racial. Vivianne Oliveira, advogada criminalista, historiadora e integrante da Comissão de Combate ao Racismo e Discriminação Racial da OAB/PB explica a diferença entre os dois crimes.

“Injúria racial é um crime prescritível e afiançável, tendo a pena de 1 a 3 anos. Para sua caracterização é necessário que haja ofensa à dignidade de alguém, com base em elementos referentes à sua raça, cor, etnia, religião, idade ou deficiência. Já o racismo é um crime imprescritível, inafiançável, tendo pena de 1 a 3 anos de reclusão e multa, consistindo no preconceito e na discriminação por causa de uma raça e da cor da pele,

normalmente sendo impedido o sujeito, quanto a algum direito por causa de sua cor”, comentou.

Neste atual contexto e levando em consideração tantos casos onde as pessoas negras têm seus direitos negados historicamente e são expressamente vítimas do racismo, ainda é muito difícil ver o crime sendo penaliza-

do como deveria ser.

Sobre essa sensação de impunidade, a advogada Vivianne comentou que acredita que este sentimento seja gerado porque as penas ainda não são tão fortes, então estimulam a impunidade. “Essa sensação se dá devido a ser uma pena muito branda tanto na injúria racial quanto no racismo.

Foto: Divulgação



A advogada Vivianne Oliveira, da OAB-PB, acredita que a conscientização é o caminho

Em segundo lugar, porque as vítimas, normalmente, não publicizam, às vezes por vergonha, às vezes justamente por achar que não vai dar em nada. Digo isso por ser negra e já ter enfrentando situações racistas e por falta de conhecimento e maturidade me calei achando ser o certo a fazer”, afirmou.

“O principal caminho é a sociedade ter a consciência que temos presente em nossa sociedade um racismo estrutural, por ser uma herança da época da escravidão até os dias atuais. É importante ensinarmos a nossas crianças que somos todos iguais. As escolas, em seus planos de ensino, têm que ensinar e dizer o motivo do racismo. É desconstruir uma cultura, pobre, feia e mesquinha, apresentando a cultura rica de um povo que fez com que o mundo seja o que é hoje graças a sua raça”, disse.

PARA DENUNCIAR

Serviços de Emergência: **190**

Disque-Denúncia: **197**

MPF: **3044.6200**

Delegacia Especializada de Repressão aos Crimes Homofóbicos, Racismo e Intolerância Religiosa: **3218.6762**

OAB-PB: **2107.5220**

Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana: **3218.7298/3218.7184/ 98708.8564**

Centro Estadual de Referência da Igualdade Racial da Paraíba: Rua Rodrigues de Aquino, nº 220, Centro.



SAIBA MAIS

Ano passado, o Governo do Estado lançou o Guia de Orientação para denúncias de Racismo e Intolerância Religiosa. A publicação traz uma série de orientações, endereços de ajuda, definição de conceitos, entre outras informações importantes.



Através do QR Code acima, acesse o guia elaborado pelo Governo do Estado



Fotos: Edson Matos

A cana-de-açúcar é hoje a principal foco da produção agrícola de Sapé, que ainda mantém preservado o trilho do trem que interligava várias cidades; acima, o símbolo do legado deixado pelas Ligas Camponesas e suas lideranças

Sapé: onde a luta agrária e a literatura são inspirações

Cidade, cujo nome de origem potiguara significa "o que ilumina o caminho", tem muita história para contar

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Terra onde viveu o poeta Augusto dos Anjos e um importante líder da Liga Camponesa na Paraíba, João Pedro Teixeira, o município de Sapé possui menos de 55 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O povoado que existia no século XVII, era inicialmente atrelado ao município de Cruz do Espírito Santo, mas se desenvolveu, e no dia 1º de dezembro de 1925 passou a existir como cidade.

"O presidente do Estado da Paraíba na época, João Suassuna, foi o responsável por criar a lei que determinava que Sapé se tornasse independente", afirmou o professor e historiador Thiago Dantas da Silva, que reside no município.

Por estar bem localizada geograficamente no Estado, distante apenas cerca de 40 km de João Pessoa e próxima de outras pequenas cidades como Mari e Pilar, Sapé recebeu, no século XIX, a construção da Estação da Estrada de Ferro Great-Western. O equipamento impulsionou o desenvolvimento do núcleo urbano e também o transporte de produtos agrícolas, como abacaxi e a cana-de-açúcar. As viagens de trem conduziam tanto cargas em grande quantidade como também pessoas.

Em torno da estação de trem, se instalaram famílias, empreendedores e trabalhadores que, posteriormente, deram origem a municípios como Sobrado, São Miguel de Itaipu e Riachão do Poço, situados nas redondezas de Sapé. Quem passa pelo centro da cidade

sapeense, ainda hoje pode ver a estrada de ferro, testemunho da história da região. É a mesma linha férrea que passa por Cabedelo, João Pessoa, Santa Rita, Bayeux, Cruz do Espírito Santo, Mari, Mulungu e Guarabira. A estação férrea de Sapé foi desativada nos anos de 1990, e a estação demolida em 2008, dando lugar a uma praça.

Origem do nome

O nome Sapé está associado aos antigos moradores, os potiguaras. Segundo o historiador Thiago Dantas da Silva, era comum na Mata Paraibana se encontrar uma espécie de capim que refletia a luz do sol. Os indígenas chamavam a planta de "eçapê", que significa "o que ilumina o caminho". A palavra sofreu algumas alterações, resultando em 'Sapé'.



Casas simples, cadeiras nas calçadas e encontros nas praças mostram o cotidiano da cidade

Município com ares interioranos

A cidade quase centenária tem uma rotina pacata, guardando hábitos de cidades do interior. Sapé não possui shopping center, centros gastronômicos, ou boates famosas. O único cinema do município, o Cine São Luiz, criado em meados do século passado, foi fechado no início dos anos 2000.

Um dos pontos de encontro dos moradores, principalmente dos jovens, são as reuniões nas três praças: Praça de Eventos, Praça João Pessoa (mais antiga) e a Praça Augusto dos Anjos, que fica em frente à escola Gentil Lins, primeiro prefeito da cidade.

A cidade também guarda importantes passagens e personagens de sua história. Abriga o Memorial Augusto dos Anjos, situada na Usina Santa Helena, que já foi desativada. O poeta Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914) nasceu no engenho "Pau d'Arco", cujo território pertence atualmente a Sapé. Ele costumava escrever seus versos sentado sob a sombra de um pé de Tamarindo, plantado na parte de trás do engenho. O Memorial guarda a trajetória deste escritor, original e icônico, cujo único livro escrito, "Eu", se tornou imortal na literatura brasileira.



O Memorial Augusto dos Anjos guarda a história de um dos principais poetas da literatura brasileira

Ligas Camponesas: resistência!

Sapé tem outro importante ponto de visitação. Na zona rural, bem próximo ao município de Sobrado, está o Memorial das Ligas Camponesas, em homenagem a João Pedro Teixeira, um dos líderes da Liga Camponesa, movimento agrário que tinha a finalidade de levar melhores condições de trabalho e terra a homens e mulheres

do campo. Entre as décadas de 1950 e 1960, João Pedro lutou pelo bem-estar dos agricultores e mostrou-se insatisfeito com os maus-tratos. "Mas foi assassinado por integrantes do Grupo da Várzea (formado por latifundiários)", declarou o historiador Thiago Dantas da Silva. O memorial é a própria casa onde viveu João Pedro Teixeira.



O município de Sapé já foi o principal produtor de abacaxi e, até hoje, é reconhecido por esse mérito na agricultura



Foto: Divulgação

Nova obra de Marília Arnaud retrata conflitos psicológicos

Autora paraibana conta que 'O Pássaro Secreto' é diferente de tudo que já escreveu e foi o mais emocionalmente trabalhoso

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

A escritora paraibana Marília Arnaud está com livro novo na praça. O romance *O Pássaro Secreto* foi lançado neste mês e está disponível, por enquanto, apenas no Kindle, na plataforma digital da Amazon, custando R\$ 19,90.

Com um enredo denso e impactante, a autora explora aspectos psicológicos através de Aglaia, personagem principal, além de buscar a metalinguagem com outras artes, como os textos dramáticos de Shakespeare (1564-1616).

Uma personagem complexa, Aglaia é uma adolescente de 13 anos, sensível e solitária, fã das tragédias shakespearianas, dos poemas de Cecília Meireles (1901-1964) e das canções de Renato Russo (1960-1996). A jovem protagonista se vê em uma situação inesperada ao conhecer a meia-irmã, Thalie, filha do mesmo pai, cuja existência era desconhecida pela família, desestabilizando as relações em casa, pois a recém-chegada conquista o afeto de todos os familiares, incluindo a avó, por quem Aglaia tem uma relação de afeto e admiração, e o primo Demian, por quem ela é apaixonada.

Marília lembra da contextualização da criação desse romance, de quando morou no interior da França por dois meses. Iniciado lá, ela terminou em meados de 2019. De acordo com a escritora, o novo trabalho só está sendo lançado agora por problemas enfrentados com a editora anterior, processo que também contribuiu para o lançamento apenas da versão digital.

A criação partiu de uma ideia voltada para o público infantojuvenil, para o qual Marília realizou um projeto e começou a escrevê-lo em terras francesas. Segundo a paraibana, "em algum momento a história ficou muito pesada para ser infantojuvenil". A família retratada em *O Pássaro Secreto*, "meio disfuncional", como definida pela autora, é composta pelo pai, "um dramaturgo muito centrado nele mesmo" e a mãe, professora universitária que sustenta a casa.

"A menina sofre um transtorno de personalidade, passa a vida inteira indo a psiquiatras, mas não tem um diagnóstico. No meio do livro surge uma meia-irmã, filha de um relacionamento do pai no meio do casamento. É quando Aglaia se desestabiliza completamente e acaba provocando muitos atos brutais", contextualiza Marília Arnaud.

O título faz referência diretamente ao aspecto psicológico da protagonista, sendo relacionado ao "delírio de ter um pássaro vivendo dentro dela, que é quem a provoca a cometer as loucuras", comenta.

A escritora focou na abordagem voltada para os conflitos psicológicos e todo o universo que permeia a cabeça de cada um, podendo ser visto a partir do descortinamento da mente "tortuosa e obsessiva" de Aglaia.

Para Arnaud, *O Pássaro Secreto* é diferente de tudo que já escreveu e também o mais trabalhoso, emocionalmente falando. "Como pensei inicialmente em um livro voltado para o público infantojuvenil, tive que ajustar toda a narrativa para uma escrita diferente. Acredito também que possa ter faltado empatia com a narradora, porque, em alguns momentos, ela é muito má", reflete.

A sensação mencionada reforça, para Marília Arnaud,

a necessidade de compreensão do universo da própria mente e da mente do próximo. A exaustiva escrita do novo romance também contou com dias improdutivos, em que ela se deparava com a história e não conseguia prosseguir.

A autora aponta ainda a necessi-

dade de buscar outras formas de lançamento, além do formato digital, devido aos novos tempos de distanciamento social, e, entre os motivos, está o fato de ser fã dos livros em formato físico. "Agora, durante a pandemia, eu fui lendo mais os livros

que me chegaram no formato digital", afirma, apontando a sua participação na comissão julgadora na categoria Romance Literário do Prêmio Jabuti, cujos finalistas foram divulgados na última

quinta-feira (dia 22). "Tenho o costume de escrever no próprio livro, de deixá-lo bem marcado pela minha leitura".

Indo contra o conforto analisado por ela e em direção a uma das alternativas que pode ser cada vez mais adotada no futuro, Arnaud visualiza o próprio Kindle como uma saída, cogitando, inclusive, a sua participação no Prêmio Kindle de Literatura de 2021.

A escolha pelo Kindle veio a partir da possibilidade de um maior alcance de público. "É muito complicado. Temos editoras independentes maravilhosas, mas o livro fica mais restrito aos próprios amigos", analisa Marília Arnaud. "Estou esperando esse momento passar para buscar outras formas de lançamento físico. O mais importante para mim é escrever. Tenho esperança de que as coisas possam melhorar".



Foto: Rodolfo Athayde/Divulgação

Imagem: Divulgação



Romance acompanha uma adolescente de 13 anos, sensível e solitária, fã das tragédias de Shakespeare, dos poemas de Cecília Meireles e das canções de Renato Russo, quando ela se depara com uma situação inesperada na sua vida



Através do QR Code ao lado, acesse o site da Amazon para adquirir o e-book

“É preciso amar muito a literatura para não largá-la”

Após o início da pandemia e através do trabalho em home office, Marília Arnaud reconhece o tempo a mais que pode se dedicar ao desenvolvimento de outro romance, com o título provisório de *Cavalos de Sonho*. Finalizado desde setembro, a escritora paraibana não adiantou detalhes sobre a obra por estar estudando a sua inscrição em concursos literários.

Cavalos de Sonho foi iniciado em outubro de 2019. A ambientação foi baseada no interior da Paraíba, apesar das localizações não estão explicitamente referenciadas. Do interior, a protagonista, que é uma artista plástica, sai em busca de mudar de vida em um grande centro e, anos depois, ao retornar às origens, tem todo o retorno emocional e afetivo com o local e às amizades.

Em relação aos outros romances, Marília Arnaud reconhece que o aspecto de referenciar outras artes está sempre presente. "Em *O Pássaro Secreto* há muita referência a Shakespeare, às músicas dos anos 1990, e muita referência cinematográfica e literária. Em *Suíte de Silêncios* (2012), a narradora e protagonista é violinista e o enredo todo conta com refe-

rências musicais. Em *Liturgia do Fim* (2016), o personagem é escritor, então tem muitas referências literárias", enumera. "Não foi algo consciente, mas, em cada romance, o protagonista tem uma relação diferente com a arte".

Marília integra o grupo de escritoras paraibanas, que cada vez mais tem ganhado espaço e visibilidade na área. "Tem muita gente boa por

aqui. Tem um pessoal jovem escrevendo muito", opina.

Embora estejam ganhando espaço nas estantes virtuais e físicas, o caminho ainda é longo para uma visibilidade justa. "Falta divulgação e distribuição. É preciso amar muito a literatura para não largá-la, porque não existe uma resposta imediata do público. São anos para se ter um retorno", lamenta a escritora.

O movimento punk

Nos anos 1960, o movimento hippie criou uma utopia baseada no amor livre, na paz, na integração com a natureza, na contracultura e na psicodelia. Foram anos de muito otimismo da juventude, descobertas, transformações e engajamento político.

A década de 1970 sepultaria esse sonho. Paralelamente, a era de ouro do capitalismo ocidental, que se iniciou no pós-guerra, chegaria ao fim trazendo um neoliberalismo feroz baseado na desregulação dos mercados, na reestruturação produtiva, na supervalorização do individualismo e na retirada de direitos sociais.

Não é à toa que o movimento punk seja, a meu ver, o que há de mais expressivo na cultura juvenil e na música rock desse período. Ao contrário dos hippies, os punks eram niilistas. Eles não possuíam a mínima fé na humanidade. Muitos achavam que o melhor destino para ela seria um apocalipse nuclear. A civilização teria claramente fracassado. Os punks se veem como um efeito colateral do sistema. Como dizem os versos da canção 'Punk da Periferia', de Gilberto Gil: Das feridas / Que a pobreza cria / Sou o pus / Sou o que de resto / Restaria aos urubus / Pus por isso mesmo / Este blusão carniça / Fiz no rosto / Este make-up pó calíça / Quis trazer assim / Nossa desgraça à luz.

Essa desesperança crônica em política não impossibilitou um avanço no campo da cultura. Os punks apostaram numa espécie de tribalismo urbano e na construção de uma estética associada a um modo de ver e se relacionar com um mundo anarquicamente singular. Assim como os hippies, eles defendiam uma atitude anticonsumista e tinham como princípio: "Se você não gosta do que existe, faça você mesmo". Isso resultou em liberdade criativa e na elaboração de uma estética minimalista.

É lugar-comum a ideia de que "qualquer pessoa é capaz de fazer uma música punk", por causa da simplicidade

harmônica, rítmica e melódica. Não deixa de ser verdade, mas esse é um ponto forte. Podemos imaginar quantos jovens, que não sabiam tocar um instrumento e que um dia sentiram vontade de montar uma banda, puderam realizar esse desejo pela primeira vez graças às simplificações permitidas pelo punk.

Apesar de seu acentuado niilismo, os punks beberam das águas do anarquismo. O resultado foi uma visão crítica sobre o Estado e a autoridade. O Sex Pistol, por exemplo, cantaram contra a coroa britânica: God save the queen / Her fascist regime / It made you / a moron / A potential H bomb ("Deus salve a rainha / Seu regime fascista / Fez de você um retardado / Bomba de hidrogênio em potencial.")

A banda brasileira Garotos Podres, nascida no subúrbio operário do ABC Paulista, por sua vez direcionou sua revolta contra o sistema capitalista, como mostram os versos da canção 'Rock de Subúrbio': Quero ver em cada garagem da periferia / Pulsar o ritmo da revolta / Queremos subverter a ordem burguesa que existe na música e na arte.

A mesma verve pode ser vista na música 'Capitalismo', da banda Ratos de Porão: Destrói natureza / Mata animais / Só o dinheiro é o que importa / Capitalismo / Um mal incurável / Capitalismo / O homem é irresponsável.

A estética e a rebeldia punk tiveram vários desdobramentos que resultaram em Movimentos como o Grunge, o Trash Metal, o New Wave...

O mais importante legado punk, talvez, tenha sido a subversão anárquica e sua filosofia libertária do "faça você mesmo". Certa vez, Johnny Rotten, vocalista do Sex Pistol, disse: "O punk nasceu de uma maneira bem pouco musical. Eu estava andando com minha camiseta 'Eu odeio Pink Floyd' e fui convidado para ir à loja Sex de Malcom e Vivienne. Como não sabia cantar, fiz mímicas de uma música do Alice Cooper."

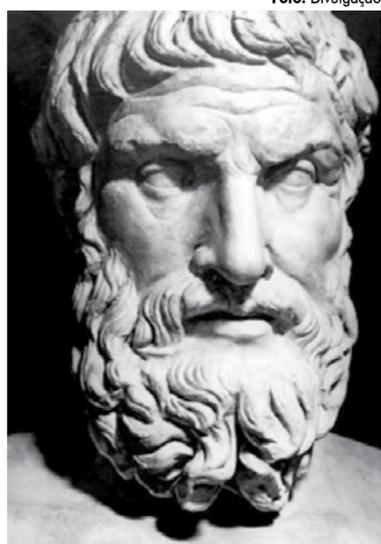
Ser feliz e as virtudes

Como manter as virtudes morais e ser feliz? A dificuldade de responder a essa pergunta talvez esteja na falta de uma erudição, porque a construção do próprio conhecimento também está na leitura dos pensadores clássicos, e não pode deixar de lê-los um só dia. Os poetas e filósofos conhecem o sofrimento humano e ensinam a reagir com sabedoria as adversidades. Os seus livros ensinam que a dignidade da dor humana não permite o embrutecimento, mas a necessidade de humanizar-se diante dor do outro e social. Percebe-se que cuidar do outro é cuidar de si, e esse cuidar é o melhor bem para fortalecer virtudes; priorizar relacionamentos; salvar diálogos; e construir uma vida feliz.

Ser feliz foi uma das questões mais estudadas pela filosofia grega. Epiteto (55-135) foi um filósofo estoico. Ele afirmou que uma vida feliz é a realização pessoal e surge de atitudes virtuosas, entre essas virtudes estão a serenidade e a paz. Epiteto foi filho de uma escrava, nascido em Hierápolis (atual Turquia) e que viveu em Roma como escravo do secretário de Nero, o cruel Epafrodito, que lhe quebrou uma perna quando jovem – isso fez de Epiteto manco e de saúde frágil. Entre os anos 89 e 94, o imperador Domiciano expulsou todos os filósofos de Roma. Nesse período, Epiteto se tornou um homem livre e retirou-se para Nicópolis, onde abriu sua escola de Filosofia. Os seus dois livros, *Manual de Epiteto* e *Os Discursos*, influenciaram esses mais de dois mil anos.

Os ensinamentos de Epiteto para uma vida feliz são encontrados no seu *Enquirídio*, que é um manual com conselhos éticos estoicos para ser usado no cotidiano. Nesse estoicismo, o que é preservado é a fidelidade ao conhecimento e prioriza o que pode ser controlado somente pela própria pessoa, e despreza-se todos os tipos de sentimentos externos, entre esses a paixão e os desejos extremos.

Para Epiteto o que preocupa as pessoas não são as coisas em si, é o seu julgamento acerca delas. O *Manual de Epiteto* ajuda a enfrentar e vencer as dificuldades da vida. Nesse manual, ele ensina que não devemos considerar como nossas aquelas coisas que não estão sob o nosso controle, pois assim nos tornaríamos escravos delas, mas devemos concentrar nossos esforços naquilo que está sob o nosso



Busto do filósofo grego estoico Epiteto (55-135)

controle, por exemplo, o uso que fazemos daquilo que a vida nos oferece, e o que é capaz de torná-lo – para nós – um bem ou mal. Epiteto afirma que a sabedoria é um bem para a natureza humana, e somente ela permite a boa fortuna, ajuda a desfrutar a saúde e suportar a doença, também de fazer bom uso do que nos é belo e feio. A sabedoria permite o homem ser livre, viver bem e morrer bem.

Vejamos algumas interpretações dos ensinamentos de Epiteto:

- A vida fica muito mais fácil quando deixamos de tentar controlar tudo à nossa volta. É preciso entender que existem aspectos de nossa vida que podemos controlar e outros que não podemos;

- Lembre-se da fragilidade e a condição natural das coisas. Os objetos, os bens sempre acabam, o mesmo para os seres humanos. Diante da vida cada momento é único, e diante da morte é preciso aceitar a condição natural das coisas;

- O inesperado pode acontecer. Não se deve criar expectativas. É necessário deixar-se surpreender pelas boas surpresas e não se desesperar pelas ruínas;

- Não temos nenhuma posse nesta vida, tudo que consideramos nosso, nada mais é do que um empréstimo temporário, o qual pode ser retornado no final de nossa vida ou antes. Você não pode perder o que você não possui, você não possui nada para perder;

- Lembre-se que nem sempre aqueles com mais poder e dinheiro são mais

felizes, eles jamais chegam a verdadeira felicidade. Limite-se apenas as coisas que você pode organizar bem. A liberdade e a felicidade estão dentro de você, não estão nos títulos e posses;

- Em cada projeto que você empreender, saiba que cada aspiração envolve esforço e tempo. O tempo é curto, se concentre no que você escolheu para si mesmo.

Na conclusão deste texto, apresento este poema de Fernando Pessoa (1888-1935):

Segue o Teu Destino

*Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.*

*A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.*

*Suaave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixa a dor nas aras
Como ex-voto aos deuses.*

*Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te. A resposta
Está além dos deuses.*

*Mas serenamente
Imita o Olimpo
No teu coração.
Os deuses são deuses
Porque não se pensam.*

Na extensão desta coluna, sinta-se convidado a audição do 290 Domingo Sinfônico, deste dia 25, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar as peças e a vida do compositor e regente alemão Richard Georg Strauss (1864-1949). Vamos conhecer peças descritivas que foram influenciadas pelo niilismo do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) e a metapsicologia de Sigmund Freud (1856-1939).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Eu, Adélia e Psiquê

Sim, temos contas a acertar. Minha mulher andou me chamando de "bebê". Sei. Nem quero lembrar. Na prática, a vida não é um berço esplendido.

Eu aprendi cedo que não há nada sólido demais ou estável demais ou permanente demais, totalmente demais, porque tudo se desmancha no ar. Sequer uma força estranha – "no ar", na voz do Roberto. A poesia é quem não morre nunca. A vida não é apenas aprendizagem, simples nem fácil. Viver todo dia é uma fome da alma. Eu sei. Psiquê me contou. Eros que o diga!

Algo pode ser inesquecível? Creio que não. Psiquê é meu desejo oculto. Já a poesia de Adélia Prado, me enche de prazeres. Muitos prazeres. E, ao contrário do que se pode pensar num primeiro gozo, não é mesmo necessariamente assim, mas passamos um longo tempo a fazer coisas que se casam. Outras, descem para o Hades.

Uma professora colegial do K disse que mudanças bruscas acontecem para o bem também. Eu gosto de mudanças.

Até aí não tem novidade, a não ser a vontade incontrolável de ser Cupido e me casar com Psiquê. Mesmerizado tudo, eu me agarro com a poesia. Parece fome. Da alma. Minha alma canta.

Nas horas aflitas, me jogo na *Poesia Reunida* de Adélia Prado. Tanta gente não tem saúde, nem lê poesia.

Ando dormindo com Adélia Prado, traindo Psiquê. Ela tem sido minha companheira de cobertores. Não sei se por acaso, de um dia para outro, ou depois das aulas de Mitologia da professora Z. Alguns poemas de Adélia falam da vida e da morte. Nada fúnebre. Adélia é uma menina.

Uma frase dela está comigo e eu fico doído para poder dizê-la com solenidade e ares de veemência, mas a pandemia não deixa: "Estou velha(o) como queria estar". Velhice não é ruim, quando temos uma relação estreita com o conhecimento e isso é o que buscamos, além do erotismo. Tão bom o erotismo...

Quero viver para dizer sempre que estou apaixonado por Adélia Prado. Às vezes ela dorme com A Camisola do dia de Herivelto Martins. Às vezes acontece de nos tocarmos, longe do Amor nos Tempos do Cólera. Ela não gosta do Garcia. Eu não vivo mais cem anos sem Márquez.

Sim, estou velho. Meu coração pula descompassado. Entender que a instabilidade é a regra me equilibra um pouco, mas eu aguento o rojão.

Eu queria escrever poemas como Adélia, mas ela não deixa. Dizer sem dizer exatamente e ser entendido do jeito dela, que nem supunha possíveis loucuras em mim.

Olho para o retrato de Psiquê e digo não sei, erre, esqueci, me perdi, escolhi mal, deixa pra lá, não posso, não consigo com facilidade e me alegre, quando Adélia diz que eu estrou certo. Na verdade, tudo faz parte de um plano de vingança de Afrodite, que ainda hoje têm inveja da beleza da Psiquê.

Cansado de tantos "tem que" ser bacana, tem que ser firme, tem que ser eficiente, tem que ter um jeito, tem que ter dinheiro, tem que acertar as contas. Quero Cupido, quero Apolo.

Já pensei em todas as possibilidades ininterruptas de não pensar mais em Adélia. Já cogitei tudo. Adélia me tira dos escmbros com uma configuração de possibilidades múltiplas. Já Psiquê, precisa da ajuda das formigas. Maldita Afrodite!

De uma coisa não tenho certeza, nem Adélia, nem Psiquê.

Kapetadas

1 - Eu sonhei com um Pato Fábio de Melo. Aliás, o padre que sumiu pras bandas de Jacumã, já voltou a si?

2 - Cada vez mais difícil contemporizar. E o pior é com os contemporâneos.

3 - Som na caixa: "E a leve impressão de que já vou tarde", Chico Buarque.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

'O Coqueiro' nos 40 anos de seu prêmio na Sudene

Precipitadamente, há quem afirme não viver de memórias. E que seria um perder de tempo ou o mesmo que regredir na vida. Não vejo dessa forma uma experiência que considero memorável, sobretudo nas artes, seja ela em que segmento for; ao contrário, entendo-a verdadeiramente importante, se examinada sob a ótica do consuetudinário, como forma de um reaprender a um novo conhecimento, para melhor afirmação do nosso modo de ser.

Como mensurar então a importância de um fato, de uma gestão atual, sem um referencial do passado? A própria Ciência reflete a importância de suas experiências com base em feitos anteriores. Isso não é ficção, não; é pura realidade.

Hoje, celebram-se os tempos fechadinhos de alguns fatos; uns grandes, como o dos 70 anos na Televisão no Brasil, outros menores. Insiro-me nestes, em razão dos 40 anos do meu primeiro prêmio em Cinema. Produto de uma aventura de época, em duas faces: uma emocional e meramente familiar, a outra que me diz respeito às experiências de um novo cinema, então bitolado em Super-8; saga advinda de um universo telúrico e "vegetalista" – expressão essa cunhada pelo crítico Virgínio da Gama e Melo, nos velhos tempos de sua publicação *Verbo e Imagem*.

Pois bem. Foi com base nessa visão telúrico-vegetalista que, naquele outubro de 1980, mergulhei nas formas e naturezas da Praia de Lucena, na Paraíba, a partir de seu mirante simbólico (a Igreja da Guia), na realização do meu primeiro documentário de curta-metragem premiado: *O Coqueiro*. E que cairia realmente nas graças da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), conce-



Foto: Divulgação

Igreja da Guia, um dos marcos de Lucena e importante patrimônio histórico da Paraíba, em cena de 'O Coqueiro'

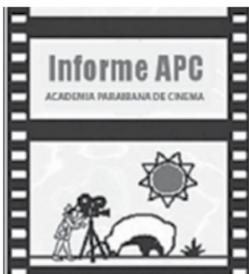
dendo-me uma honraria de "Melhor Filme sobre a Temática Nordestina", no Festival Brasileiro de Cinema de Pernambuco. Justo, 20 anos após Celso Furtado ter fundado a instituição em Recife.

E aqui, rendo minha homenagem a um parceiro singular, incentivador e meu orientador de época, o querido amigo e professor José Cornélio da Silva (de saudosa memória), mestre em Geografia e guia dos meus primeiros anos de estudo no Grupo Escolar João Úrsulo, na cidade de Santa Rita.

Pois bem, durante muito tempo pensamos e trabalhamos juntos naquela praia paradisíaca. Tanto que, nos anos oitenta, em mais um documentário, dessa feita em tecnologia de gravação Analógica, inovadora para a época, im-

mimos uma "Lucena Paradisiaca", onde o próprio professor Cornélio se mostra lendo uma revista em preguiçosa cadeira de balanço, no alpendre de sua casa à beira-mar. Honraria que lhe presto, ainda, após o seu falecimento, gravando as cenas iniciais do *Américo - Falcão Peregrino* na sua própria biblioteca, em Lucena, com o meu também parceiro Manoel Jaime Xavier, de tantos projetos juntos ("protagonizando" o amigo Cornélio), redigindo texto no computador sobre o poeta Américo Falcão, numa matinal de 2012.

Esses, são episódios e vivências pessoais que jamais se apagam. Se não, busquem repensar os seus... – Para mais "coisas de cinema", acessem o blog: www.alexantost.com.br.



APC em lançamento

Academia Paraibana de Cinema (APC), através de sua presidência e diretorias, deve promover uma apresentação, ainda este ano, do novo audiovisual em média-metragem, sobre o episódio acontecido em um dos cinemas de João Pessoa, na década de 1950. Trata-se de realização da ASProd Cinema e Vídeo, ainda em fase finalização, sem título definido e com participação de vários membros da APC. A sessão deve acontecer em sala especial de projeção, no bairro do Bessa, na capital paraibana, até o final de novembro, com possibilidades de lançamento aberto ao grande público durante a programação do próximo Fest Aruanda.

'Mês das Crianças'

Programação de hoje terá circo e leitura

Em seu último dia, a programação virtual da Fundação Espaço Cultural (Funesc) deste domingo, em comemoração ao 'Mês da Criança', traz leitura, contação de histórias e muita palhaçaria, tudo exibido no canal da instituição no Youtube ([/funescpb.gov](http://funescpb.gov)). A partir das 15h, a atração será *Contanto e Cantando Histórias*, com Glaucio Ramos; Logo em seguida, às 16h, será apresentado o programa *Circoconectando*, com Daniel Nóbrega, dando vida ao Palhaço Suvelão.

O programa *Contanto e Cantando Histórias* trará atividades lúdicas, histórias e jogos de leitura, sendo apresentado pelo professor, contador de histórias, escritor de livros infantis Glaucio Ramos. Ele é responsável pelo projeto itinerante 'Leitura na Esquina', que percorre escolas da rede pública municipal da cidade de Paulista (PE) com um trailer repleto de livros paradidáticos, emprestando-os aos alunos e desenvolvendo atividades voltadas para a literatura. A iniciativa foi vencedora do Prêmio Espírito Público 2019, na área de Educação.

Às 16, terá início mais um programa *Circoconectando*, apresentado pelo Palhaço Suvelão, personagem de Daniel Nóbrega, professor da escola de circo Djalma Buranhem, em João Pessoa, que capacita os alunos para o exercício de atividades



Foto: Divulgação

Daniel Nóbrega, professor da escola de circo Djalma Buranhem, apresenta o programa 'Circoconectando'

de concepção, produção e execução de espetáculos na arte circense. Suvelão mostrará todas suas habilidades na área do humor, malabares e monociclo, animando crianças 'de todas as idades'. Um programa familiar e imperdível!

Depois de oito edições presenciais do 'Espaço da Criança', que aconteciam em um dia inteiro repleto de atividades nas instalações do Espaço Cultural, neste ano, a dinâmica foi pensada de forma diferente: ao longo de outubro, foram disponibilizadas diversas atrações on-line.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesc no Youtube

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertbarbosa@bol.com.br

A frase

"Ninguém se perde na volta".

A frase é de José Américo de Almeida e pode muito bem se ajustar ao contexto de situação em que foi proferida. Mas quero abstrair. Abstrair palavras, frases, pensamentos, além de me parecer essencial, abre veredas nos campos sinuosos da reflexão e do debate crítico.

"Ninguém se perde na volta".

Ora, eu sempre me perdi. Toda vez em que ia a Campina Grande, voltava meio sem jeito para o silêncio das pedras de minha Comarca. Minha Comarca parecia diferente. Ficava, para mim, mais conhecida e mais desconhecida, mais solar e mais noturna, numa mistura de sentimentos que Freud certamente classificaria como algo entre o estranho e o familiar.

Creio que o ensaísta, ou melhor, o orador, para além das injunções políticas do momento (sua frase é impactante!), quis dizer da segurança do chão natal e do aconchego do lar, ou mesmo da serenidade que nos dá o respirar o hálito da velha paisagem conhecida e amada. Dos velhos caminhos que percorremos e dominamos. Seja na terra, seja nos céus colísvos da existência.

Mas viver é voltar, viver é partir. Ir-se embora para nunca mais.

Olhe bem os compassos de sua vida, caro leitor! Onde você está. No passado? No presente? No futuro? A origem é essencial. Eu sei. Mas voltar, nunca. Se perder, sempre. Só nos encontramos quando nos perdemos. Camus? Sartre? Não importa!

Claro que existem os ilusionistas da retórica, com suas orações de efeito calculado. Os que vibram insólitos coros no ossuário das tribunas e são vazios como o tédio das casas grandes e a hipocrisia das aristocracias envelhecidas e depauperadas.

Ora, minha vida foi me perder na ida e na volta. Me perder em toda viagem. Em toda paisagem, em qualquer país. Viver não seria perder?

Voltar é perder a possibilidade do futuro. Será que só o passado existe e dá as cartas do destino. O passado não passa? Não sei. Porém, insisto: a frase é boa, mas não diz tudo. Que frase o faz?

Sei que existem também os que com ela se deliciam, trepados na sugestão de seu pensamento como se este pensamento fora pepita rara. Entendo o sabor matreiro desse equívoco. Há qualquer coisa com aparência de originalidade e sabedoria no ritmo inusitado do lugar comum. Às vezes o clichê parece poesia! Mas poesia, poesia mesmo, é outra coisa. Ou melhor, outra frase.

Não aquela que subjaz ao convencional dos versos do Quarto Minguante, mas a que escorre, aqui e ali, pelo estrume azedo e podre de A bagaceira, quando não se quer nem se ousa, A bagaceira, palanque ou tribuna.

"Toda viagem do mundo se acaba no Serrotão".

Esta é de José Nêumanne Pinto, em forma de versos de um de seus poemas de Barcelona, Borborema. A frase, aqui, me soa bem melhor. E bem melhor (seria mesmo? Tenho minhas dúvidas), se o sujeito conheceu o Alto do Serrotão, e suas madrugadas frias, e sua volúpia estelar, e suas putas poéticas, que vinham de Juazeiro e Soledade, para acender o desejo dos últimos notívagos vindos do Brejo ou do Cariri.

Penso que a poesia nada tem a ver com a retórica. Penso mesmo que o escritor deve passar ao largo da retórica. E se não conseguir, e se sucumbir a seus dourados apelos, que Deus o salve. E Deus salvou tão poucos. Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos e João Cabral de Melo Neto. Os três, tão retóricos e tão poéticos. Exceções raras! Que mal fizeram, sem querer, a literatura brasileira! Um enxame de epígonos menores e de patéticos diluidores que só nos envergonham.

Contudo, "Ninguém se perde na volta".

Foto: Arquivo A União



José Américo de Almeida, autor da frase: "Ninguém se perde na volta"

Belo tenta fugir da zona de rebaixamento contra o líder

Botafogo volta a atuar fora de seus domínios e enfrenta hoje o Santa Cruz, no Estádio do Arruda, a partir das 20 horas

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo entra em campo hoje para uma verdadeira decisão. O Belo vai encarar o líder do grupo A, Santa Cruz, às 20 horas, no Estádio do Arruda, em Recife. Com apenas 11 pontos e na penúltima colocação do grupo A, na zona de rebaixamento, o clube precisa pontuar para evitar um maior risco de voltar à Série D. A arbitragem dessa partida será de um trio do Paraná. O árbitro central será Leonardo Sígari Zanon, auxiliado por Luciano Roggenbaum e Jefferson Cleiton Piva da Silva.

O Belo vive um momento delicado, com muita confusão política, por causa das eleições do clube, que foram parar na Justiça. Além do mais, a campanha na Série C vem sendo muito ruim e o perigo de rebaixamento é uma realidade. Para fugir desta situação, a diretoria vem investindo em reforços, mas só restam 7 jogos para o final da fase de classificação.

No momento, o trabalho que vem sendo feito no elenco é para somar o maior número de pontos possíveis, a partir de agora, para não ser rebaixado. Após a derrota contra o Manaus, ninguém mais fala em classificação, apesar de que é possível, caso o Botafogo volte a vencer. O técnico Rogério Zimmermann espera que o time entre mais atento no jogo e tenha uma atuação mais consistente, evitando os erros apresentados na derrota em Manaus na última segunda-feira, na Arena da Amazônia.

Para esse jogo contra o Santa Cruz, Zimmermann deverá repetir praticamente a mesma escalação do jogo passado, mas o novato Cristian Dal Bello foi muito bem no segundo tempo e pode começar como titular. A provável escalação do Botafogo é a seguinte: Felipe, Marcos Martins, Rodrigo, Luis Gustavo e Christiano (Mário), Vitinho, Juninho, Igor Leite (Cristian) e Rodrigo Andrade, Ramon e Diego Rosa.

No Santa Cruz, o clima é o melhor possível. O clube é líder absoluto do grupo A, com 24 pontos e vem de uma vitória sobre o Treze em Campina Grande. Apesar da boa colocação, esse jogo contra o Botafogo passou a ser muito importante para o tricolor pernambucano, porque em caso de vitória, o clube pode garantir já a classificação para a próxima fase, por antecipação.

O técnico Marcelo Martelotte não deverá fazer mudanças na equipe, mas ele ganhou duas opções nesta semana, o zagueiro William Alves, que foi liberado pelo departamento médico e vem treinando normalmente, e o atacante Caio Mancha, que foi contratado recentemente junto ao Taubaté de São Paulo.



Foto: Instagram/Botafogo

Depois de muito empenho nos treinamentos, os jogadores do Botafogo têm mais um desafio contra o líder do Grupo A

Atlético e Afogados jogam no Perpetão

Na última posição do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro da Série D, o Atlético entra em campo, hoje, a partir das 16 horas, com a missão de vencer o Afogados-PE, único resultado que poderá ainda alimentar as esperanças de uma reação em busca da classificação. O jogo será disputado no Estádio Perpetão e tem caráter revanche já que no primeiro turno o time pernambucano conseguiu vencer por 3 a 2. Com apenas seis pontos e na última posição, o time de Cajazeiras terá como novidade a presença do técnico Celso Teixeira, contratado no meio de semana, e que chega com espírito motivador para mexer com o brio dos jogadores em busca de uma vitória e assim melhorar a posição na tabela.

Brasileirão

Internacional e Flamengo brigam pela liderança, hoje, no Beira Rio

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

Todas as atenções nesse domingo no Brasileirão vão estar voltadas para o Estádio Beira Rio, em Porto Alegre, onde a partir das 18h15, acontece o confronto mais importante da rodada entre Internacional e Flamengo e que vale a liderança da competição em sua 18ª rodada. As duas equipes têm 34 pontos - o Colorado leva vantagem no saldo de gols - e devem entrar em campo com suas melhores

formações. Inter e Flamengo vem praticando um futebol vistoso com campanhas semelhantes nos 17 jogos já disputados com 10 vitórias, quatro empates e três derrotas, sendo que o rubro-negro tem o melhor ataque (30), mas o Inter tem a melhor defesa (13).

No ano passado, as duas equipes se enfrentaram em quatro oportunidades e a vantagem foi do time carioca com duas vitórias, uma derrota e um empate.

Pelo Campeonato Brasileiro, no dia 1º de maio, no Beira Rio, o Inter venceu por

2 a 1 com gols de Guerrero e Sarrafiore, descontando Arrascaeta. Já no dia 25 de setembro, o Fla se vingou com um 3 a 1 no Maracanã, gols de Gabigol, Arrascaeta e Bruno Henrique. Edenilson descontou para os gaúchos.

Depois novos confrontos, agora pelas quartas de final da Taça Libertadores. No jogo de ida, dia 21 de agosto, no Maracanã, o Flamengo se impôs com uma vitória de 2 a 0, gols de Bruno Henrique. No jogo da volta, no Beira Rio, um empate de 1 a 1, marcando Rodrigo Lindoso para o Colorado e

Gabigol para o rubro-negro, no dia 28 de agosto.

A rodada deste domingo ainda terá Athletico-PR x Grêmio, Atlético-GO x Palmeiras e Fluminense x Santos.

Em quatro jogos, ano passado, foram duas vitórias do time carioca contra uma derrota para os gaúchos e um empate

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo



Ano passado, Internacional e Flamengo se enfrentaram quatro vezes, duas pelo Brasileiro e duas pela Copa do Brasil, com vantagem rubro-negra

JOGOS DE HOJE

- **Série A**
16h
Fluminense x Santos
Atlético-GO x Palmeiras
18h15
Internacional x Flamengo
Athletico-PR x Grêmio
- **Série B**
16h
Náutico x Cruzeiro
18h15
Figueirense x Juventude
Guarani x Avaí
20h30
Botafogo-SP x Vitória
- **Série C**
18h
Santa Cruz x Botafogo-PB
- **Série D**
15h
Bragantino-PA x Galvez
Central x Freipaulistano
Real Noroeste x Aparecidense
Brasiliense x Tupynambás
Cabofriense x Ferroviária
Caxias x Marílio Dias
15h30
Juventude Samas x Sinop
15h45
Altos x Baré
16h
Vilhenense x Fast
Ji-Paraná x Rio Branco-AC
Atlético-PB x Afogados
U. Rondonópolis x Goianésia
FC Cascavel x Nacional
-PR
16h30
Jacobyá x Potiguar de Mossoró
17h
São Raimundo-RR x Moto Club
Santos-AP x River-PI
São Luiz x Novorizontino
18h
Atlético-AC x Independente-PA
19h
Água Negra x Vitória-ES
Mirassol x Portuguesa-RJ

Vegetação não nativa é ameaça ao ecossistema

Castanholas e outras plantas invasoras causam prejuízos à área de restinga em praias urbanas de João Pessoa

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Castanholas, palmas, mancacarus, xique-xiques. Essas são algumas plantas encontradas à beira-mar da orla paraibana, sobretudo nas praias urbanas de João Pessoa como Cabo Branco e Tambaú. Elas dão sombra a quem passa pela faixa de areia e deixam o ambiente mais verde. O problema é que, além de descaracterizar a paisagem original, não são espécies típicas da área de restinga da costa do Estado, por isso, trazem prejuízos à vegetação nativa, destruindo-a ou inibindo seu crescimento.

O mestre em Botânica e biólogo Ramôn da Silva Santos ressalta que as espécies exóticas causam desequilíbrio ecológico e competem por recursos naturais com as plantas nativas. Apesar dos agravos trazidos pela vegetação invasora, o botânico destaca que as ações do homem são as principais ameaças às áreas de restinga, uma vez que, historicamente, a planície costeira apresenta uma grande ocupação humana.

O engenheiro agrônomo Anderson Fontes, chefe da Divisão de Arborização e Reflorestamento da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam), afirma a que árvores de grande porte não nativas, como a castanhola,

de copa ampla e que produzem sombra, impedem o desenvolvimento da vegetação de restinga, que necessita de sol. Por isso, não deveriam estar na areia da praia. Apesar de ser nociva à restinga, Anderson explica que não há intenção de tirá-las da orla paraibana, já que houve, ao longo dos anos, adaptação dessa espécie ao ambiente. “O importante é que não se plante mais nenhuma espécie invasora”, salientou.

A ecóloga e bióloga Anne Falcão ressalta que a restinga é considerada uma Área de Preservação

Permanente (APP), protegida pela Constituição Federal de 1988 no seu artigo 225, e pelo Código Florestal, Lei nº 12.651 de 2012, principalmente nos artigos de 2 ao 7. “É considerada patrimônio nacional”, acrescentou.

Segundo ela, essa APP (área de transição entre o ecossistema presente na faixa de praia e a Mata Atlântica) é composta por riquezas da fauna e da flora e apresenta uma relevância ecológica “incomensurável. Se for destruída, a dinâmica costeira ficará comprometida”.

Conscientização
Para minimizar os impactos das espécies invasoras na área de restinga, a Prefeitura de João Pessoa realiza trabalhos de

conscientização com os comerciantes, moradores e banhistas das praias da capital. Anderson Fontes, da Semam, afirmou que a equipe também recolhe as espécies invasoras que estão nascendo espontaneamente, trata as árvores doentes, retira as que não têm chance de se recuperar e realiza podas nas que estão em boas condições.

Ele conta que desde a década de 1980, as pessoas começaram a plantar vegetação não nativa na costa paraibana. “Fizeram uma verdadeira salada”, brincou. A partir daí, a própria natureza ajudou a disseminá-la,

já que há facilidade de elas nascerem espontaneamente. A tentativa da prefeitura é fazer com que essas espécies não se alastrem, desenvolvendo ações educativas e monitorando as áreas plantadas.

Ele destaca que as espécies menores não trazem grande preocupação. O problema são as árvores de maior porte, como a castanhola. “Elas produzem muita sombra por causa da amplitude da copa. Embaixo das castanholas, por exemplo, não há vegetação de restinga”, declarou Fontes.

Ele conta que durante o trabalho educativo feito com banhistas e comerciantes, a Semam alerta sobre a necessidade de não plantar espécies invasoras na costa pessoense. “Qualquer pessoense que queira plantar uma árvore, seja onde for, deve procurar a Divisão de Arborização e Reflorestamento da Semam para receber orientações”, frisou. O telefone para agendar uma visita à Divisão é o 3264.1680.

▶▶▶ Continua na página 14



A sombra e a beleza do verde agradam frequentadores das praias, mas a verdade é que as plantas invasoras destroem a fauna nativa

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Cony e o golpe consumado num 1º de abril

Logo depois do golpe militar de 1964, Carlos Heitor Cony (que morreu no dia 5 de janeiro de 2018) atacou em crônicas no “Correio da Manhã” a “quartelada” que se proclamava como uma “revolução” (só se fosse uma “revolução de caranguejos”, que andam para trás, definiu o escritor). Por causa dessa oposição pela imprensa, de primeira hora, ao golpe respondeu a processos e foi preso várias vezes pelos militares.

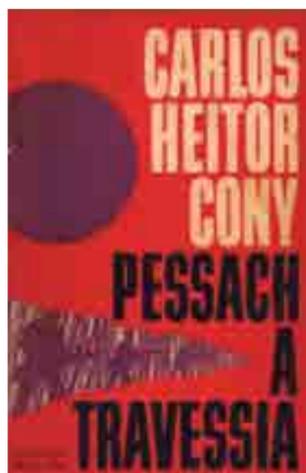
O presidente Jair Bolsonaro e outros direitistas (ou meros admiradores e eleitores) consideram que em 1964 aconteceu em 31 de março uma revolução, mas foi mesmo um golpe consumado no dia 1º de abril.

Escrevendo naquele jornal, Carlos Heitor Cony se manifestou várias vezes contra o golpe, sendo punido com seis prisões e um processo que o então ministro da Guerra, general Costa e Silva, moveu contra ele por infração prevista na Lei de Segurança Nacional da época. Seus artigos começaram no dia seguinte ao golpe, a 2 de abril de 1964.

Em “Ditadura e ditabranda”, publicado na “Folha de S. Paulo” em março de 2009, o próprio Cony escreveu sobre seus

artigos: “Eram violentos e apaixonados justamente porque não entendia direito o que estava acontecendo, a não ser o ritual da opressão”.

O processo de Costa e Silva foi instaurado em julho de 1964 e Cony teve como advogado Nelson Hungria, que se ofereceu de graça para defendê-lo, chegando a obter do STF um habeas corpus que descaracterizou o processo, que passou a correr não mais pela Lei de Segurança Nacional, mas pela Lei de Imprensa. Cony foi condenado a três meses de prisão.



Eu acompanhava os artigos de Cony e o conheci como romancista ao ler “Pessach: a travessia”. Apesar de “Quase memória” ser seu maior sucesso, acho melhor “Pessach: a travessia”. Este tornou-se um marco na obra de Cony. Ajuda a entender as estratégias da esquerda no Brasil dos anos 60 e 70.

É também uma analogia da libertação bíblica do povo judeu, ao fugir do antigo Egito e da escravidão.

O protagonista de “Pessach”, que não tinha posições políticas, transforma-se em um engajado de todas as formas.



Um trecho de “Pessach: a travessia” proporciona bem o clima do livro. Vamos lá.

“Os críticos não chegaram a um acordo sobre os meus livros, mas isso é problema deles. Se tivesse coragem de começar a vida novamente, é possível que não repetisse enganos e acertos, mas gostaria de repetir a disponibilidade de agora, no vértice da outra metade. Há otimismo em chamar de metade os 40 anos. Dificilmente chegarei aos 80, mas

a metade talvez não seja cronológica, mas intemporal, interior. É assim que me sinto. Ainda que morra amanhã, essas 24 horas deverão ser densas como as passas estragadas são densas de açúcar. Há equilíbrio na vida e é o que a torna monótona.

(...) A lembrança de Teresa me preocupa. Ela pode lembrar-se que faço anos e virá com a gravata de sempre, embrulhada naqueles papéis que as lojas empurram como embalagens de luxo. 40 anos. Teresa talvez não venha, mas Sílvio virá. O caso de Sílvio. Há duas semanas que ele anda me procurando para conversa séria, eu anotei em minha mesa de trabalho: resolver o caso de Sílvio. Passei duas semanas com esse aviso me aporrinhando em cima da mesa, até que ontem, sem lembrar do aniversário de hoje, decidi procurá-lo. Telefonei-lhe. Ele ficou agitado, quis encontrar-se comigo no mesmo instante, mas eu não queria encontro sério com ninguém e - seguindo a mania de adiar marquetei o encontro para hoje. O camarada estará aqui antes das 9, não quis adiantar nada pelo telefone: tem mania de perseguição. Desde que se meteu a salvar o país e que se julga perigoso inimigo da ordem, cujos telefonemas são gravados pelos distritos policiais. No fundo, é um patriota. A Pátria é uma droga”.



▶▶▶ Continuação

O papel da restinga no equilíbrio ecológico

Alexandra Tavares

lekaip@hotmail.com

Definida como faixa arenosa presente na área litorânea, com vegetação rasteira, arbustiva ou de grande porte, a restinga desempenha inúmeros papéis na natureza. Ajuda a fixar as dunas, fornece alimentos, serve de abrigo e local para reprodução de várias espécies da fauna costeira. Ela ainda ajuda a nutrir o solo.

Essa multiplicidade de papéis está presente nas várias formas que a restinga se apresenta. De acordo com o mestre em botânica e biólogo Ramôn da Silva Santos, há uma grande diversidade da fisionomia de plantas (fitosionomias) encontradas nessas áreas típicas da costa. Essa variedade vai desde a vegetação herbácea (rasteira), vista nos bancos de areia próximos ao mar, até a vegetação arbustiva e também a arbórea (árvores), com exemplares de maior altura.

Conforme as resoluções 07/1996 e 417/2009 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conema), o biólogo conta que a vegetação herbácea e subarbustiva apresenta uma característica mais dinâmica, com plantas que podem atingir até um metro de altura. Geralmente ocupam dunas e bancos de areias em todo litoral paraibano. “Essa vegetação é a mais impactada por empreendimentos à beira-mar”, salientou Ramôn.

Na vegetação arbustiva é possível encontrar plantas com formas de vida como trepadeiras, podendo haver acúmulo de folhas e galhos caídos no chão, ajudando a cobrir e nutrir o solo.

Já o arbóreo possui dois tipos de florestas. Uma delas mostra vegetação com árvores de três a 10 metros de altura, dossel aberto e árvores mais espaçadas. A outra tem dossel fechado e árvores com 10 a 15 metros de altura.

“Esses tipos de vegetação de restinga ocorrem por todo litoral paraibano, com a presença de algumas áreas de preservação como a Área de Proteção Ambiental (APA) de Tambaba, Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape, Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo (Flona), Ilha da Restinga, Parque Estadual das Trilhas dos Cinco Rios, e todas as Áreas de Preservação Permanente (APP) que existem na costa”, declarou.



Foto: Marcus Antonius

Áreas de restinga são protegidas por lei no Brasil; elas servem de abrigo para várias espécies de animais, além de fixar as dunas

SAIBA MAIS

■ A degradação da restinga na costa brasileira traz desequilíbrio na teia alimentar, afetando o ambiente aquático e terrestre; provoca maior exposição à insolação, diminuição na umidade e elevação de temperatura, aumenta a abrasão marinha, intensifica a ocorrência de erosão pluvial, prejudica a formação do lençol freático, entre outros fatores.

COMO PRESERVAR A RESTINGA

Ações simples podem ser postas em prática para preservação da restinga. Vejam algumas:

- Não desmatar;
- Substituir vegetação invasora pelas nativas;
- Não plantar espécies exóticas;
- Permitir que o meio ambiente se recupere, evitando qualquer forma de agressão ou degradação.



Banhistas e comerciantes desconhecem os riscos

Sentado em uma mesa de um dos quiosques na praia do Cabo Branco, o morador do Recife, Érico Ernanes, aproveitava as belezas naturais de João Pessoa juntamente com a família. O grupo, porém, não ficou dentro do estabelecimento. Preferiu ficar na parte externa, sobre a areia da orla. “Querida que toda praia fosse assim. Com muita sombra e árvores”, confessou Érico, se referindo às castanholas que via no entorno.

Como alertam os ambientalistas, grande parte dos frequentadores da costa paraibana não tem conhecimento dos agravos que as plantas invasoras trazem à restinga paraibana. A grande maioria dos banhistas usufrui da sombra e ambiente ameno que essas espécies proporcionam, mas não atentam às ameaças que trazem à restinga.

O morador de Bayeux, Antonio Flor da Silva, 60 anos, destacou que gosta de admirar o verde das castanholas e coqueiros das praias pessoenses. “É maravilhosa a paisagem”, frisou, admirando a vegetação.



Foto: Evandro Pereira

Banhistas aproveitam a sombra das castanholas nas praias de João Pessoa

Os comerciantes também não se queixam das árvores, já que são um atrativo a mais para os clientes. O garçom de um dos quiosques do litoral paraibano, José Valentino, disse que não sabe quem plantou as castanholas ou palmas próximas ao ponto comercial. “Elas nasceram espontaneamente. Havia muito mais pés, formando uma verdadeira floresta nas proximidades do estabelecimento. Teve uma

época que virou até ponto de prostituição e esconderijo para bandido. Mas a prefeitura cortou e deixou o local mais organizado”, contou.

A gerente de um quiosque na praia do Cabo Branco, Suelen Mendes, declarou que trabalha no local há oito anos e desde que chegou já encontrou as árvores plantadas na areia da orla. “A gente preserva porque é bom para o cliente. Se não fossem

as castanholas, não tínhamos como colocar as mesas do lado de fora do quiosque por causa do sol forte”.

Mais conscientização

O mestre em botânica e biólogo Ramôn da Silva Santos fez um apelo para que a sociedade se informe melhor sobre as questões ambientais e se engaje na preservação da natureza na Paraíba. Ele destacou que a busca por conhecimento nas relações dos organismos com o ambiente, e as interações entre as espécies vegetais e animais (incluindo o ser humano), permitem uma contribuição mais qualificada para a definição de novas estratégias de conservação e recuperação de áreas degradadas.

“Espero que possamos alcançar a conscientização da sociedade para que possam enxergar as questões ambientais, refletir e buscar um maior envolvimento com a conservação dos ambientes de restinga e áreas florestais existentes na nossa Paraíba”.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Hoje aniversaria um “zé ninguenzinho”

Em 25 de outubro de 2055, Fábio Mozart completará cem anos sem maiores flatusidades, agradecendo à infidelidade da sorte por ter cumprido tão longo roteiro de vida perdida, como diria meu desafeto Maciel Caju.

Estimados leitores e diletas leitoras da Toca do Leão, obrigado pelas mensagens de congratulações, especialmente ao meu compadre Geraldinho que afirmou cavalheirescamente: “Parabéns, compadre Fábio Mozart! Você está conseguindo ganhar mais uns cabelos prateados! O ouro vem aí pelo especial desempenho na arte de sobreviver sem ofender o planeta nem sujar o prontuário”.

O filho do meu compadre Marcos Veloso, o radialista Marcos Fernandes, também lembrou do aniversário do velho Leão: “Parabéns, amigo e mestre. Quando eu crescer, quero ser uma barata do seu ninho do programa ‘Rádio Barata no Ar’”.

O que é a natureza! Um dia desses

eu era um garoto tão tímido que quando olhava no espelho, me sentia mal ao ver minha imagem, achando superior ao original. Hoje sou a mesma pinoia, só que com uma série de dores pelo corpo e a cara de maracujá de gaveta.

Mas, é como eu digo: só há um Fábio Mozart no mundo, mesmo porque, dois esse planeta não comportaria. Antigamente eu comemorava meu aniversário no Bar Mil e Uma Moscas. Hoje, o fígado não permite essas festinhas.

Exercendo meu mandato de aposentado, recolho-me à rede velha para ler Rubem Braga, recordando o tempo em que era rei. Todo bêbado é rei. Eu fui destornado. Só que neste específico domingo, 25 de outubro de 2020, comemoro meu niver numa cama de hospital, aguardando cirurgia.

Adiantando aos que, inadvertidamente ou de caso pensando, eu tenha enchido o saco ou o útero, que me perdoem se algo der errado e o velho Leão passar a régua e fechar a conta.

Tirando a modéstia de lado, como cantou Noel Rosa, já construí muitos sonhos pela vida afora. Agora, entretenho-me só virando vento como anjo aposentado. Espero, entretanto, nunca zerar minhas contas oníricas. Já estou queimando óleo 40, fico só na toca feito caranguejo velho em maré baixa. Tenho idade bastante para não comemorar mais nada. E no leito hospitalar, a gente só celebra resultado de exame.

Encontrei outro dia meu amigo Chico, que há muito não via. Nessas ocasiões, cada um de nós tem o prazer mórbido de constatar que não envelheceu sozinho. Enfim, definho sem remorsos, como um elemento altamente banal, um zé ninguenzinho, como diria Maciel Caju, mas contente da vida por ter a sorte de ainda granjear amizade dos parçases produzir minhas coisinhas.

Agora mesmo estou lançando o cordel Anticandidato Bento Filho saúda os insensatos e pede passagem, um gracejo com meu compadre e parceiro Bento

Júnior, elemento que constrói comigo e com o ator Osvaldo Travassos Sarinho o programa “Rádio Barata no Ar”, grande sucesso lá em casa e nas rádios comunitárias Zumbi, Ganga de Maceió, DiárioPB Web de João Pessoa, Ji-Paraná de Rondônia, Esplanada de Brasília (frequência 90.1) e Rádio Noroeste de Goiânia.

Enfim, quem tiver fé e quiser rezar por mim, minha gratidão. Só recuso as preces do pastor Malaféia, pastor Everaldo, Missionário Valdomiro, irmão espírito João de Deus, Bispo Edir Macedo e a pastora Flor De Lis.

Na aceleração da expansão espiritual do universo, essa gente talvez represente o resíduo.

Comunicado especial para uma estrela que será eterna no meu radiotelescópio: “E quando meu amor pela vida estiver se apagando, vem você e me reinicia. E se o mundo parar de girar, e se, uma por uma, as estrelas se apagarem, simplesmente voaremos para longe...” (If – Bread)

Fiscalizar políticas públicas é um exercício de cidadania

População precisa compreender conceito para poder contribuir e participar da construção político-social do Estado

Alexandra Tavares
lekajip@hotmail.com

Política pública é um termo já conhecido pelos brasileiros, principalmente quando se reivindica ou avalia a efetividade das ações de um administrador eleito pelo povo. Mas, será que todos sabem a real função dela? Que atores estão envolvidos na sua implementação? Onde estão previstas? De onde vem seu custeio? Essas e outras questões fazem parte do vasto universo das políticas públicas, práticas que têm ação direta ou indireta na vida de todo o cidadão e que merecem ser acompanhadas de perto por eles.

O advogado Haruanã Cardoso, especialista em Direito Previdenciário, com estudos em Direito Administrativo, afirma que as políticas públicas são medidas que visam a implementação de direitos da população e podem ser desempenhadas pelo Estado (Políticas de Estado); no âmbito internacio-

nal, em defesa dos direitos do país; diante da comunidade internacional (acordo, protocolo, tratado); ou no âmbito interno, pelo Governo (políticas de Governo), por meio de programas de Governo, que são executadas pela administração pública.

No âmbito interno, em razão da forma de Estado brasileiro (Federação), a Constituição Federal (artigo 1º, CF/88) assegura a autonomia para que os demais entes federativos (estados, Distrito Federal e municípios) desenvolvam e executem políticas públicas. “No entanto, há políticas públicas que transcendem ao programa do Governo eleito, ou seja, são políticas públicas que encontram comando normativo na Constituição Federal”, frisou Haruanã.

Alguns exemplos dessas políticas podem ser vistas na Segurança Pública (criminalização do racismo, tráfico de drogas, terrorismo, ação de grupos armados contra a ordem constitucional – artigo

5º, incisos XLII, XLIII e XLIV, CF/88); na Saúde Pública (artigo 196, CF/88); na Educação (artigo 205, CF/88); e no Saneamento Básico (artigo 21, inciso XX, CF/88).

Contribuição popular

O advogado Diógenes Dantas, pós-graduando em processo civil, com atuação na área de Direito Corporativo e diretor executivo do Instituto Projeto Público (IPP), ressalta que a responsabilidade do cidadão não se resume na escolha dos representantes no dia das eleições. Cabe à sociedade civil fiscalizar as contas públicas, propor ideias, dialogar com seus representantes e acompanhar as ações do Governo.

O exercício da cidadania, segundo ele, independe da ocupação de cargos eletivos. A participação do cidadão pode ocorrer de qualquer lugar, uma vez que existem plataformas online que possibilitam o debate com liberdade e segurança, a respeito de temas importantes de interesse público. “Assumir a responsa-

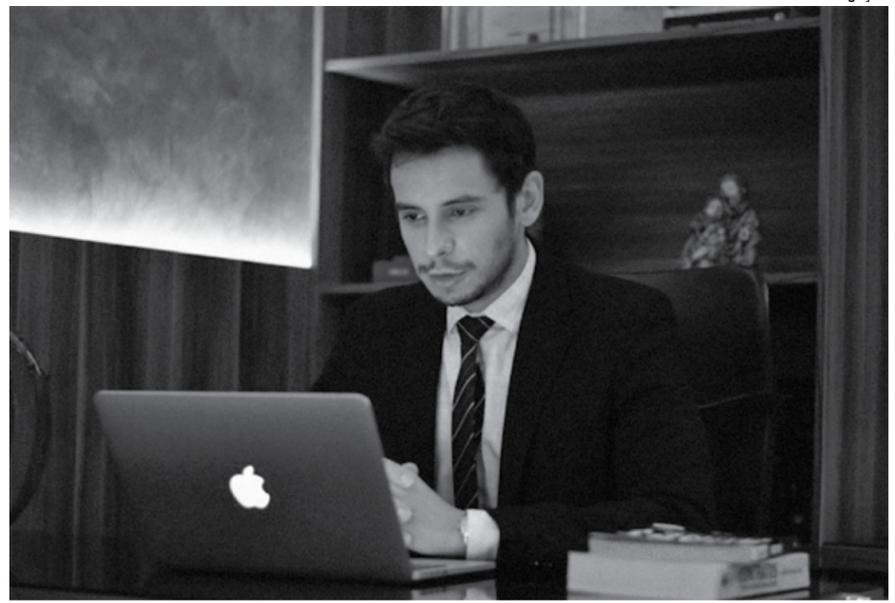


Foto: Divulgação

O advogado Haruanã Cardoso explica que as políticas públicas visam a implementação dos direitos da população

bilidade, semear ideias e exercitar a cidadania na máxima potência, são essenciais para a maior eficiência da máquina pública”, salientou Dantas.

O advogado Haruanã Cardoso, especialista em Direito Previdenciário, com

estudos em Direito Administrativo, reforçou que o engajamento da população é muito relevante para que as políticas públicas sejam efetivadas com qualidade. “A participação da sociedade em conjunto com os órgãos

constitucionais de fiscalização, - Ministério Público, Tribunal de Contas e Controladorias, além do Poder Judiciário, é fundamental para que as políticas públicas sejam cada vez mais eficientes”.

Decisões devem atender necessidades da população

Mesmo tendo como autor principal a ação direta dos governos, as políticas públicas são criadas com base na Constituição Federal e pelas demais normas legais. O advogado Haruanã Cardoso explica que o administrador “não tem a liberdade, ou melhor, a discricionariedade de realizar política pública”.

“Contudo, o administrador público tem a liberdade de escolher a melhor forma para executar as políticas públicas. É o que se chama de oportunidade e conveniência para a forma da execução da política. E compete ao administrador, sempre, visar a execução pautada na eficiência, - menor custo com o melhor resultado”, declarou Cardoso.

Classificar, porém, uma política pública como eficiente não é papel fácil, porque há de se considerar uma série de fatores. Haruanã Cardoso frisa que essa avaliação pode ser feita pelo binômio: menor custo e melhor resultado.

“Portanto, uma política pública eficiente é aquela que atende às necessidades da população, com base no menor custo possível. O gestor público deve buscar a eficiência na gestão dos recursos, visando atender a plena satisfação das necessidades sociais”.

Tomando o Brasil como foco de análise, a eficiência nas práticas governamentais envolve a complexidade da forma de

Estado adotado no país (Estado Federativo), onde a avaliação da eficácia das políticas públicas deve ser feita em cada ente federativo (União, Distrito Federal, estados e municípios).

Ineficiência

Ao comentar o contexto nacional, o advogado Diógenes Dantas afirmou que a sensação de ineficiência do serviço público no Brasil não é apenas uma impressão popular que envolve a saúde, a segurança, o transporte e a conservação de estradas. A burocracia e o atendimento nas repartições públicas, de acordo com ele, compõem até mesmo a cultura literária. “Na obra de Ariano Suassuna, a eficiente

intervenção da Compadecida é retratada como algo que ‘inviabilizará o inferno e o deixará feito uma repartição pública, que existe, mas não funciona’”, exemplificou Dantas.

Para a implementação de uma política pública eficiente, Diógenes explica que não basta que o Estado atue sobre a “clâmide” da legalidade. É preciso considerar também a presteza, a perfeição e o rendimento funcional.

“As políticas públicas eficientes são aquelas que tomam como norte a expectativa de melhor desempenho possível – desde a identificação do problema até a proposta da solução dentro da lei”, reforçou.

QUANDO SURTIU O TERMO

O termo políticas públicas surgiu mais claramente no século XX, com o aprofundamento e a expansão da democracia. O advogado Diógenes Dantas, pós-graduando em processo civil, com atuação na área de Direito Corporativo e diretor executivo do Instituto Projeto Público (IPP) explica, porém, que o estudo do papel e das ações do Estado não é uma novidade na história humana, e vem sendo construído desde a antiguidade.

O conceito e a abrangência dessa temática cresceu e amadureceu na medida em que o próprio significado de “Estado” se transformou. E foi no século XX que o Estado passou a atribuir a função de promover o bem-estar da sociedade, atraindo para si a responsabilidade de atuação em diferentes áreas, tais como saúde, educação, meio ambiente, entre outras.

Crise imposta pela covid-19 impacta discurso

A situação de pandemia em que se encontra o país nos últimos meses impactou o discurso liberal, que defende a premissa de que o Estado não deve intervir onde não é necessário, sob pena de produzir ineficiências ao setor econômico. De acordo com o advogado Diógenes Dantas houve um profundo abalo nessa linha de pensamento, à medida em que os desafios sobre aspectos sanitários e econômicos impostos pela covid-19 exigiram o protagonismo do Estado em seu enfrentamento.

Diógenes Dantas explica que a pandemia tornou ainda mais evidente a importância do direcionamento das autoridades públicas na solução de problemas de grande magnitude. De acordo com ele, muitas pessoas que antes desconsideravam o sistema público de saúde, por exemplo, hoje passaram a reconhecer o seu papel no controle da epidemia.

É na esfera econômica, não podia ser diferente. “Diante da queda das bolsas, do esvaziamento das ruas e lojas, das dificuldades de reabastecimento de

mercadorias, das demissões em massa e da política de isolamento social, é impossível pensar em uma solução que não envolva a participação forte do Estado”, frisou o advogado, que acrescentou. “Nessa toada, a implementação do auxílio emergencial teve um papel fundamental na proteção das camadas mais vulneráveis”. O socorro financeiro atribuído aos pequenos empresários ainda garantiu a continuidade das atividades.

Contudo, Diógenes salienta que o socorro das pessoas físicas e jurídicas está muito distante de ser exemplar. “É preciso lembrar que o Governo Federal resistiu para implementar o auxílio emergencial, propondo um valor muito inferior ao que foi aprovado pelo Plenário (da Câmara). Para além dessa questão, as falhas no sistema, os atrasos no pagamento para quem precisava, e as inúmeras fraudes foram emblemáticas”.

Além dessas falhas no auxílio emergencial, Dantas recorda que parte dos créditos prometidos às empresas nunca chegaram ao destinatário

CUSTEIO E SISTEMA DE ARRECADAÇÃO

Pôr em prática políticas públicas que tragam bem-estar ao povo é um papel dos governantes, porém, é preciso avaliar o custo de sua implementação. O advogado Diógenes Dantas cita alguns obstáculos que dificultam a concretização destas ações: ausência de recursos dos municípios de menor tamanho, a rigidez orçamentária e a canalização de recursos dificultosa.

O advogado afirma que a principal fonte de renda de financiamento dos municípios ainda é a arrecadação própria das prefeituras e as transferências constitucionais.

Mas estas fontes, segundo ele, são extremamente voláteis e cíclicas. O motivo é a composição tributária assimétrica, que concentra cobranças sobre bens e serviços, em detrimento da renda e propriedade. “A melhoria na implementação das políticas públicas necessariamente passa pela necessidade de otimizar o sistema de arrecadação”.

pelo fato de o Governo ignorar as peculiaridades das empresas brasileiras. “Empresas com folhas de pagamento não bancarizadas ou com pouco relacionamento bancário, falta de comunicação, imposição de exigências sem previsão legal, exclusão e limitação de acesso à empresas com restrições, inviabilizaram a chegada da verba

a quem realmente precisava”.

Para além das falhas do Governo Federal na fase de implementação, Diógenes declara que resta ainda o dilema de remover o auxílio no tempo certo, sem que isso provoque traumas ou retrocessos socioeconômicos, considerando que sua manutenção a longo prazo é inviável do ponto de vista orçamentário.



Foto: Divulgação

Diógenes Dantas lembra que, além da legalidade, as políticas públicas precisam identificar os problemas e apontar soluções

2º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTROS DE IMÓVEIS
COMARCA DE SANTA RITA – PB
Rua Siqueira Campos, n.º 53, Centro – CEP: 58.300-180 – Santa Rita/PB – CNPJ
09.308.818/0001-40
EDITAL DE NOTIFICAÇÃO DE CONFRONTANTES

A Dra. Patrícia Mayer Pinheiro Lima Franca, na qualidade de Oficiala em Exercício do Serviço Notarial e Registral – 2º Ofício de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Santa Rita/PB, segundo as atribuições e comandos contidos nos artigos 941 e 942, do Código de Normas Extrajudicial da Corregedoria Geral do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba, vem, pelo presente, notificar os proprietários (ou ocupantes) dos imóveis correspondentes ao Lote 07 da Quadra C, do Loteamento Luar de Santa Rita, com frente para a Rua Projetada, s/n.º, Santa Rita/PB; Lote 05, da Quadra C, Loteamento Luar de Santa Rita, com frente para a Rua Projetada, n.º 40, Santa Rita/PB, e Lote 20, da Quadra C, Loteamento Luar de Santa Rita, com frente para a Rua Projetada, S/N.º, para, querendo, no prazo de 15 (quinze) dias, apresentar manifestação/impugnação ao pedido de abertura de matrícula/retificação de área do imóvel correspondente ao Lote 06, da Quadra C, do Loteamento Luar de Santa Rita, com frente para a Rua Projetada, s/n.º, Santa Rita/PB, requerida em 03 de setembro de 2020 pela empresa proprietária do imóvel JONG Empreendimentos Imobiliários LTDA, através do Protocolo da Serventia n.º 2020-03985. Dr.ª Patrícia Mayer Pinheiro Lima Franca, Oficiala Tabeliã Intercorrelada em Exercício do Serviço Notarial e Registral – 2º Ofício de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Santa Rita/PB.

Polo Cabo Branco deverá atrair 2,5 milhões de turistas por ano

Instalação de empreendimentos turísticos, dois resorts e um parque aquático deverá começar em seis meses

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Nos primeiros anos da década de 1930 o Estado da Paraíba vivia uma crise energética. O Interventor Federal na Paraíba, Gratuliano de Brito, publicou editais para a instalação da Central Elétrica, então inaugurada em 22 de março de 1935. A potência de 1.900 kW era acionada por duas caldeiras, alimentadas à lenha. Para abastecer o fogo, o Estado comprou terras na Penha e em Mangabeira. Trinta anos depois, com a chegada das linhas de transmissão de energia, a Central Elétrica foi desativada e as terras de onde vinha a lenha passaram a receber conjuntos residenciais. Adiante, na década de 1980, os planos do governo para a região próxima à praia eram audaciosos: transformar em um polo turístico.

Na última segunda-feira o governador da Paraíba, João Azevêdo, assinou o contrato de venda de lotes das terras que um dia formaram a Fazenda Mangabeira, antiga fornecedora de lenha para a Central Elétrica. Em seis meses deverá começar a instalação de empreendimentos turísticos, dois resorts e um parque aquático. Há outros lotes à venda em áreas para a hotelaria, para entretenimento e serviços os quais, junto com o Centro de Convenções, formam o Polo Turístico Cabo Branco, um conjunto de atrações que deve-

rá atrair cerca de 2,5 milhões de visitantes por ano.

Embora o “start” para a utilização comercial do Polo Turístico tenha se dado na última semana, ele já tem uma trajetória histórica. De acordo com o relato no Portal Mangabeira, “no dia três de maio de 1934 e por 150.000\$000 (cento e cinquenta conto de réis), aconteceu uma transação imobiliária envolvendo de um lado o Procurador da Fazenda João Santa Cruz de Oliveira, do outro, o procurador dos herdeiros, comendador Antonio dos Santos Coelho, que originou a compra do primeiro terreno pertencente a terra que hoje é o bairro (Mangabeira). Esse imenso pedaço de terra adquirido se limita com a Praia da Penha pelo lado Leste, já no lado oposto o limite é com Água Fria. Consta ainda uma posterior aquisição por parte do Estado de uma parte das terras que tinham ficado com os herdeiros (sítio Aratu); bem antes porém, o próprio Estado havia adquirido também o Sítio Mangabeira pertencente a Maria da Conceição Maia Coelho pelo valor de 300\$ (trezentos contos de réis), onde hoje se encontra construída a maior parte das casas do bairro”.

Dessa forma, a área hoje do Polo Turístico Cabo Branco, foi incorporada ao patrimônio público, comprada pelo governo da Paraíba.

Além da referência do Portal Mangabeira, o livro “Do



Governador João Azevêdo assinou o contrato de venda de lotes das terras que um dia formaram a Fazenda Mangabeira, antiga fornecedora de lenha para a Central Elétrica

Azeite de Mamona à Eletricidade”, do Engenheiro Marcelo Renato de Cerqueira Paes, relata a necessidade de ter lenha para abastecer as caldeiras que geravam energia para João Pessoa. Porém, em 31 de dezembro de 1956, a energia elétrica gerada pela Chesf na usina hidrelétrica em Paulo Afonso chegou a João Pessoa. Como a Central Elétrica fora desativada, a lenha não seria mais necessária. Com o imóvel

ocioso, o “Estado da Paraíba, passou então a desmembrá-lo a fim de atrair projetos para o Estado, inicialmente foi retirado um quinhão para instalar a UFPB, posteriormente outras partes foram oferecidas como contrapartida do governo em projetos de construção de casas populares a exemplo dos conjuntos Mangabeira, Bancários, Valentina Figueiredo entre outros que foram lá edificados, também foi cedido uma

parte do imóvel a Embrapa quando da fundação da Emepa e outro para construir o Distrito Industrial de Mangabeira”, segundo documento apresentado em Audiência Pública promovida pela Superintendência do Meio Ambiente da Paraíba (Sudema), em 2017, para tratar do Polo Turístico.

“Por fim já na década de 1980 a área remanescente da fazenda, contígua à praia, foi desafetada do patrimônio

público para fins de fomentar o desenvolvimento turístico. Após a sanção da lei de desafetação da área, dois projetos urbanísticos foram apresentados, o primeiro deles foi desenvolvido em 1984 pela Empresa Jaguaré Empreendimentos S.A., o qual não ultrapassou a fase de concepção teórica e o segundo foi apresentado em 1987, serviu de base para o processo de ocupação das áreas”.

+ Garantia da vegetação remanescente

A preservação de parte da extensa vegetação remanescente da área do Polo Turístico Cabo Branco está garantida pela formação da Unidade de Conservação Parque Estadual das Trilhas, criado através de Decreto Estadual em 2017. Tem uma área aproximada de 578,5 hectares e incorporou três Parques Estaduais mais antigos, o Aratu e o Jacarapé, ambos de 2002, e o Trilhas dos Cinco Rios, criado em 2014.

O Parque Estadual das Trilhas vai estimular as pesquisas científicas, e, de acordo o decreto, vai garantir a conservação das porções dos rios Cuiá, Jacarapé, Aratú, Mangabeira, Mussuré, e dos riachos Estivas e Sanhauá, inseridos dentro do seu limite, um remanescente florestal conhecido como a antiga fazenda Mangabeira.

Pela legislação (o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC), a área que pertencente a um Parque Estadual é de proteção integral, sendo possível a visitação, estudos, etc., desde que controlado por autoridades competentes. É assim, por exemplo, no Jardim Botânico Benjamin Maranhão, a Mata do Buraquinho, onde qualquer pessoa pode curtir as trilhas acompanhada pelos monitores.

Por isso, o projeto do Polo Turístico Cabo Branco tem em seu planejamento a instalação de um Batalhão da Polícia Ambiental, o Batalhão de Apoio ao Turista e a sede administrativa da reserva ambiental.

A área do Polo Turístico Cabo Branco destinada para empreendimentos é de 654 hectares. Contudo, os projetos apresentados pelas três

empresas que deverão começar a construir em seis meses, contemplam áreas verdes e integram a natureza. Inclusive, o edital para a compra de lotes pontua com maior nota propostas que apresentem soluções sustentáveis como o uso de energia renovável, reaproveitamento dos recursos hídricos, entre outras. O projeto de um dos hotéis conta com a geração de energia fotovoltaica (solar) que irá suprir em 100% o consumo gerado. O tempo em que caldeiras precisavam de lenha para gerar eletricidade foi superado!

As negociações para atrair os investimentos teve a participação do governador João Azevêdo e uma equipe de especialistas. Só no setor da construção civil deverão ser movimentados cerca de R\$ 564 milhões; calcula-se que 4,6 mil empregos deverão ser gerados na fase de construção e outros 4,6 mil quando o Polo estiver completamente instalado.

Segundo Rômulo Polari Filho, presidente da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep), “é mais do que um complexo hoteleiro. É um complexo turístico onde há um equipamento para convenções, uma área reservada para comércio e serviços, uma parte de animação turística e as reservas naturais”. Não apenas as terrestres mas também aquáticas. Na área do Polo Turístico está a Área de Proteção Ambiental Naufrágio Queimado, delimitada em 422,69km², corresponde a 10,2% da plataforma continental marinha da Paraíba. Nela descansam as piscinas de corais da costa de João Pessoa e Cabedelo, três naufrágios e inúmeras espécies marinhas.

Pesquisa e desenvolvimento sustentável

Fazendo uma relação do Polo Turístico Cabo Branco com a atividade acadêmica, o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), Roberto Germano, destaca a mobilização dos pesquisadores especializados em ambientes marinhos na construção de uma proposta para o Programa de Pesquisa Ecológica de Longa Duração – PELD, do CNPq, o qual será executado por meio da Fapesq, caso a proposta seja aprovada (os resultados serão em novembro).

“Ambos, o crescimento econômico e o desenvolvimento social devem estar voltados para a sustentabilidade, principalmente no que tange à preservação ambiental. O turismo sustentável é o que garantirá que nossos recursos naturais, as belezas que temos no Estado, permaneçam vivas, encantando os visitantes. Conheço pessoas que vêm para o Estado pela primeira vez e se mostram deslumbradas com o que encontram aqui. Cabe a nós cuidarmos disso tudo”, ressalta Roberto Germano.

Intitulada “Ecossistemas

O Polo Turístico e ações como a do grupo de pesquisadores se complementam para que o visitante tenha uma experiência de “turismo de sol, de verde, de lazer”



Parque Estadual das Trilhas

Costeiros da Paraíba: Gestão e Desenvolvimento Sustentável”, a proposta para o PELD engloba a zona costeira do Estado visando a manutenção da qualidade ambiental e a formulação de medidas de conservação e recuperação de áreas degradadas. Uma equipe de 26 pesquisadores; 24 estudantes; 2 técnicos; 7 colaboradores está integrada neste trabalho planejado para ser realizado pelos próximos quatro anos, com a possibilidade de haver continuidade.

O Polo Turístico Cabo

Branco e ações como a deste grupo de pesquisadores se complementam de forma que o visitante tenha uma experiência de “turismo de sol, de verde, de lazer”. O Polo Turístico Cabo Branco respeita e preserva a maior reserva ambiental da Paraíba em terra e conta com a maior área marinha preservada em termos percentuais, do Brasil. A APA Naufrágio Queimado, somada ao Parque Estadual de Areia Vermelha, representam 10,7% da área marinha paraibana.

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Cabrito da Silva, 221
ALTIPLAN José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999



As "pegadas" do cangaço no interior paraibano

Os bandos não conseguiram "tocar o terror" em nosso Estado, mas passavam por aqui em suas andanças pelo Sertão

Lucilene Meireles

lucilenemeirelesjp@gmail.com

O fenômeno do cangaço marcou a história do Sertão nordestino com muito sangue e violência. Seus integrantes – capangas, jagunços e até empregados de latifundiários – formavam grupos que aterrorizavam os sertanejos. Nos ataques às cidades, os cangaceiros roubavam, sequestravam, destruíam, estupravam e matavam. O motivo de tanta hostilidade envolvia os bandoleiros, mas principalmente a disputa por terras, coronelismo, vingança e a revolta pela situação de miséria na região. Em solo paraibano, esses grupos deixaram "rastros", mas também encontraram muita resistência.

O movimento foi iniciado no século 18, com a atuação do cangaceiro José Gomes, o Cabeleira, seguido por Jesuíno Alves de Melo Calado, o Jesuíno Brilhante. Ganhou força no século 19, chegando ao século 20. Usando chapéus, roupas de couro e sempre armados, eles se espalharam pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Ceará, Alagoas e Rio Grande do Norte.

Apesar da forma como agiam, das marcas de dor que deixaram em tantas famílias, chegaram a ser vistos por muitos como heróis, impondo admiração e até certa veneração. Virgulino Ferreira, o Lampião, foi o mais conhecido e respeitado de todos. Na luta por terras, seu pai acabou morto em um confronto com a polícia, em 1919. Lampião era criança, mas ali jurou vingança e, ao se tornar adulto, entrou para o bando do cangaceiro Sinhô Pereira, tornando-se líder desse grupo mais adiante. Passou a ser chamado o "Rei do Cangaço".

"Entre 1920 e 1928, o bando de Lampião não conseguiu chegar em terras paraibanas e tocar o terror, como fazia em outros locais. Ele teve que fazer uma série de acordos com coronéis, sobretudo do Sertão, para que tivesse, em alguns momentos esporádicos, passagem pelo território paraibano. O bando de Lampião não gostava muito das terras paraibanas porque ele via uma resistência muito grande por aqui", destacou Martinho Guedes dos Santos Neto, doutor em História e professor do Departamento de História da UFPB.

Lampião somou quase 20 anos de cangaço, sempre andando fortemente armado. Somente após sua morte, durante confronto com a polícia, em 27 de julho de 1938, o fenômeno perdeu força, terminando definitivamente quando o presidente Getúlio Vargas passou a considerar os cangaceiros como inimigos da paz nacional. Além de Lampião, outros nomes famosos do cangaço foram Antônio Silvino e Jesuíno Brilhante.

Membros locais

Dos bandos de cangaceiros conhecidos pela historiografia, alguns líderes se destacam como Corisco, que depois da morte de Lampião formou seu próprio bando. Além dele, o Cabeleira, que circulou pelo Sertão paraibano. No livro de Lineu Jofilly, 'Notas sobre a Paraíba', publicado em 1876, há menções sobre os arrastões feitos pelo grupo dele na Paraíba. Outros grupos, com menor intensidade de atuação, também passaram pelo Estado.

"Vários paraibanos participaram do cangaço, sobretudo trabalhadores rurais que eram explorados pelos grandes coronéis do Sertão. Esses trabalhadores tiveram suas terras expropriadas pelo latifúndio. Houve paraibanos que participaram dos grupos de Lampião, Corisco e Cabeleira, por exemplo. Um desses paraibanos foi o irmão do coronel José Pereira, de Princesa Isabel", declarou Martinho Guedes. Outro cangaceiro famoso foi Antônio Silvino. No artigo 'Antônio Silvino - Anjo ou Demônio?', o colaborador do Jornal A União, João Carlos Franca, conta detalhes da trajetória do cangaceiro Manoel Batista de Moraes, batizado no cangaço como Antônio Silvino, que cometeu seu primeiro homicídio aos 21 anos de idade, conforme o texto publicado na página 9 do Jornal A União, edição de 21 de fevereiro de 1984. Silvino faleceu em 30 de julho de 1944, aos 69 anos.



Arte: Tonio

UM BRAÇO ARMADO DOS CORONÉIS

■ No Brasil, o cangaceiro não era necessariamente um Robin Hood, atuando para defender a população mais pobre. Segundo o historiador Martinho Guedes, os bandoleiros eram aliados do sistema dos coronéis, auxiliando inclusive na ação de tomar pequenas propriedades.

"Se pudéssemos colocar um guarda-chuva sobre isso, há uma certa teatralização em relação às invasões porque o cangaço recebeu, por todos os lugares por onde passou, o apoio dos políticos locais. De certa forma, o cangaço foi um braço armado para fazer o serviço sujo dos coronéis", ressaltou o historiador.

Ainda de acordo com Martinho, o cangaço envolve, na maioria das vezes, analfabetos que se aliaram a coronéis do Nordeste. Lampião, por exemplo, era aliado do coronel João Gonçalves de Sá, chefe político de Jeremoabo, na Bahia, que o protegia de tudo, inclusive da prisão por seus crimes. Lampião conquistava as terras do interesse de seu aliado por meio de ameaças de morte. "Existia esse tipo de terror. Então, não podemos dizer que o cangaço seria uma espécie de defensor dos mais pobres", contou.

Nosso território sempre foi resistência ao movimento

Apesar de terem ocorrido mortes na Paraíba em conflitos nas regiões de Princesa Isabel e Patos, não houve grandes massacres, diferente da Bahia, Sergipe e algumas cidades do Ceará, onde ocorreram muitas mortes, atrocidades. "Eles não eram vistos com bons olhos e quando chegavam em alguma cidade, a população já estava armada e eles revidavam. Em Pombal, não conseguiram agir, porque a polícia estava preparada e tiveram que recuar", acrescentou Martinho.

Cabaceiras, Mogeiro, Santa Luzia, Catolé do Rocha foram cidades por onde passavam os bandoleiros, mas ficavam por períodos curtos, apenas para descanso. Apesar de não ter havido por aqui grandes conflitos, existem muitos rastros da passagem dos cangaceiros na Paraíba e estão guardados nos museus locais ou sob a guarda de responsáveis por relíquias das cidades. Em Patos, por exemplo,

um morador guarda uma medalha que ganhou de Lampião e um rifle que foi de um cangaceiro, conforme Martinho Guedes.

Artefatos como espingardas, cartuchos, medalhas, honrarias estão protegidos nas mãos de particulares. "Em Taperoá, há um museu da cidade e lá eu vi alguns artefatos que eram, segundo o responsável pelo museu, do cangaço. Eram cabaças de levar água, ornamentos dos cangaceiros, um revólver que pertenceu a eles. Foi o único lugar onde vi objetos do cangaço em um museu", comentou.

Na verdade, um dos principais registros da passagem de Lampião na Paraíba está mesmo na cultura popular, em particular nos cordéis. "Eles são as principais fontes de onde podemos extrair elementos sobre a passagem dos cangaceiros na Paraíba", disse Martinho.

A historiadora Emanuella Bru-

net destacou que os cordelistas não podiam deixar de registrar um movimento que teve influência direta na política do Nordeste e no cotidiano da população. "Um aspecto a ser ressaltado é o fato desse tipo de literatura se dedicar a relatar os feitos dos principais líderes deste fenômeno como Antônio Silvino e, principalmente, Lampião, estabelecendo-se uma relação na qual o cordelista realiza a função de biógrafo e os folhetos de cordel se constituem como um instrumento de memória", comentou.

Ela observou que há muitas informações ainda desconhecidas sobre o cangaço. "Quando a história revisita o passado do cangaço, há uma lacuna, um silêncio. As pesquisas dialogam com economia ou cultura, mas há reminiscências e relações de poder ainda existentes sobre o tema e muitas perguntas sem resposta", disse Brunet.

Foto: Arquivo do Jornal A União



Jornal A União de 8 de maio de 1944 anuncia a extinção do último foco do cangaço na Paraíba

Tarcízio Cartaxo

Um filho de Campina consagrado pelo jornalismo

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@gmail.com

Colunista político, profissional consagrado, sério e, por vezes, estourado, o jornalista paraibano Tarcízio Cartaxo fez história na profissão que escolheu. Era “mão pesada” na datilografia, mas sabia articular as palavras com perfeição. O resultado eram textos impecáveis, bem apurados, completos. Por sua competência, teve passagens pelos jornais da Paraíba, Correio da Paraíba e A União. Neste último, foi chefe da sucursal em Campina Grande, cidade onde nasceu e pela qual era apaixonado. “Se Deus fez alguma coisa melhor do que Campina Grande, enterrou no fundo do mar”, costumava dizer.

“Eu lembro dessa expressão dele porque ele era um apaixonado por Campina. Era fissurado, daquele tipo que vinha para João Pessoa e voltava logo porque ficava muito agoniado. Tivemos também um companheirismo durante minha campanha para a API (Associação Paraibana de Imprensa), em 1987, onde fiquei até 1989”, relatou o jornalista Rubens Nóbrega, que era editor do Correio da Paraíba quando conheceu Tarcízio Cartaxo. “Não lembro bem se foi meu correspondente, ou participou da sucursal do Correio em Campina Grande. Era uma figura afável, apesar do temperamento, porque ele era um tanto temperamental. Eu não tinha uma relação de proximidade com ele, mas ele me tinha muita consideração, muito respeito, e isso era de forma recíproca”, contou.

Um episódio de Tarcízio Cartaxo que Rubens fez questão de contar aconteceu durante a visita de um ministro à Paraíba. Na época, ambos mal se conheciam. Nóbrega era diretor de comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), antes de entrar

no Correio, e atuava na sala de imprensa, cobrindo os eventos da instituição. Viajava muito na época, no reitorado de Linaldo Cavalcante, que era campinense e, por isso, tinha uma predileção pelo Campus de Campina Grande. Para lá, carregava recursos, obras e tudo o mais, e sempre tinha visitas de ministros, professores, pesquisadores, cientistas da universidade.

“Numa dessas visitas, veio o ministro das Minas e Energia, César Cals, e mostramos a ele um laboratório fora do Campus. Eu lembro bem que Tarcízio acompanhou muito

Por sua competência, teve passagens pelos jornais da Paraíba, Correio da Paraíba e A União. Neste último, foi chefe da sucursal em Campina Grande

entusiasmado essa novidade, a gente junto acompanhando o ministro, e quando terminou a visita e o ministro saiu fora um pouquinho, ele chegou perto e disse: ministro César Cals, se Deus fez alguma coisa melhor do que Campina Grande, enterrou no fundo do mar”.

“Lembro de Tarcízio com muito carinho, apesar do seu jeito forte de ser, mas sem perder a ternura com os amigos. E tem esse episódio com o ministro que mostra o quanto ele era apaixonado por Campina”, acrescentou Rubens Nóbrega.



Artes: Tonio

Coluna ‘Visorama’ e o panorama político do Estado

No meio político e nas redações por onde passou, Tarcízio Cartaxo conquistou muitos amigos, entre eles, o jornalista Josué Cardoso. “Conheci Tarcízio Cartaxo na década de 1980, na redação do Jornal da Paraíba. Eu iniciava minha vida jornalística com uns 20 anos apenas e ele já era um profissional consagrado”, comentou. Além de colunista político, com sua coluna chamada ‘Visorama’, Cartaxo era assessor do então vice-governador José Carlos da Silva Júnior.

“Tarcízio era muito inteligente, antenado com o cotidiano político do Estado. Era um dos colunistas mais lidos naquela época. Era um homem sério, mas também extrovertido e conhecido na redação porque tinha uma mão pesada na datilografia. Muitas das vezes fui datilógrafo da coluna de Cartaxo. O engraçado é que ele sempre chegava muito tarde na redação, geralmente quando eu já estava de saída, mas sempre o atendi”, lembrou.

Graças a essa ‘ajudinha’ que se tornou quase uma praxe, Josué e Tarcízio ficaram amigos. “Muitas das vezes terminávamos a noite tomando uma cerveja num bar que existia naquele tempo em frente ao jornal, chamado de Privê”. De acordo com Josué, ele gostava muito de participar da vida social da cidade,

frequentava os bares onde iam políticos e jornalistas, especialmente o Miúra e Manoel da Carne de Sol.

“Cartaxo era jornalista de excelente qualidade, texto primoroso e sempre primou pela imparcialidade. Também tinha muita influência política já que naquela época quem atuava em rádio ou jornal impresso gozava de muito prestígio, notadamente, quem assinava coluna política”, observou Josué.

Por ironia do destino, Tarcízio Cartaxo morreu em Campina Grande, terra que tanto amava. “Creio que na década de 1990, atropelado por um veículo não identificado, na Avenida Floriano Peixoto, centro da cidade. Era noite e ele ainda foi socorrido, mas não resistiu à gravidade dos ferimentos. Acho que tinha uns 50 anos quando faleceu”, lamentou o amigo.

Josué Cardoso afirmou que, mesmo sendo próximos, não tinha detalhes da vida íntima do jornalista, sabia apenas que era casado. A reportagem conseguiu localizar um parente de Cartaxo, mas ele não tinha como falar no momento e não passou mais detalhes sobre o jornalista falecido, a exemplo de outros contatos da família ou das datas de seu nascimento e morte. Apesar da convivência, os entrevistados também não souberam precisar tais informações.



Epifany

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Cobertura de eleições: planejamento não é tudo, mas quase!

Durante as eleições de 2014, eu ainda trabalhava em redação. À época, ocupava o cargo de editora-executiva de um jornal impresso e me lembro bem de que, por diversas vezes, cheguei em casa pensando: *Deus, fazei com que eu não esteja em redação nas próximas eleições.*

Recordei o pleito daquele ano ao encontrar antigas mensagens no meu e-mail esta semana. Entre elas, escala da equipe no dia da eleição (incluindo orientação aos fotógrafos para não votarem no mesmo horário); solicitação de dinheiro para almoço e jantar da equipe; tratativas com setor de Informática para que tivéssemos profissionais dando suporte à redação até o fim do expediente; relatórios das equipes do impresso e on-line sobre o primeiro turno do pleito.

Quando reli esse material, deu saudade dos amigos e lembrei também como é importante planejar a cobertura jornalística. Engana-se quem pensa que a correria do cotidiano nos exime de buscar melhor conteúdo para o público. O planejamento da rotina é essencial para todos os dias,

mas principalmente para alguns momentos que se tornarão históricos.

Para a cobertura de eleições, por exemplo, é necessário fazer um planejamento editorial específico para as plataformas rádio, TV, impresso e digital. O que funciona para um, talvez não sirva para outro. É essencial definir escala diferenciada e pensar em atribuição de papéis à equipe; idealizar como será o produto final (véspera, Dia D e pós-eleição); ajustar *deadlines*; rever material de arquivo dos candidatos e ter atualizada a biografia de cada um.

Somam-se à lista criar produtos multimídia (reportagens hiperfílmica, gráficos e mapas interativos); convidar analistas políticos para analisar resultado do pleito; checar equipamentos (inclusive lembrando de carregar baterias e conferir cartões de memória com antecedência, para evitar surpresas desagradáveis); definir boletins para rádio e TV ao longo do dia; organizar divulgação/repercussão de pesquisas eleitorais; confirmar suporte da equipe de Informática; reservar dinheiro para refeições dos profissionais.



Foto: Haticca Erol/Pixabay

Também é preciso estabelecer quem ficará na redação apenas selecionando fotos, áudios e vídeos – em geral, esse profissional recebe material de quem está na rua e precisa ter agilidade suficiente para entregar um produto com qualidade e na velocidade exigida pelo público em dia de eleição. Necessário ainda planejar como será a cobertura nas redes sociais. Haverá postagem de serviço na véspera do pleito e no Dia D? Serão publicados *posts* com o momento de votação de cada candidato? Haverá cobertura em tempo real quando a Justiça Eleitoral começar a apuração?

No caso do impresso, também é necessário pensar em uma editoração diferente, programando retrancas, imagens e quadros; se haverá cadernos a

mais ou suplementos; se o horário de fechamento será ampliado; se é necessário fazer ajustes com as gerências de Produção e Circulação; se haverá um *layout* diferenciado.

Além disso, a elaboração de pautas precisa ser tratada com carinho. Nesse caso específico, há um termo em inglês bem interessante: *routine events* ou eventos de rotina (expressão cunhada pelos pesquisadores Molotch e Lester e citada por Nelson Traquina). Como eleição é um exemplo típico de *routine events*, a maioria das pautas já foi revisitada nos últimos pleitos.

Isso, porém, não significa que alguma deva ser ignorada. Primeira pessoa a votar, filas, prisão de candidato ou eleitor, urnas eletrônicas quebradas, votação em aldeias indígenas, seções sem acessibilidade, distribuição de panfletos apócrifos, *fake news*, boca de urna, tropas federais nas ruas, atuação da Justiça Eleitoral, depoimento de vencedores e derrotados, dança das cadeiras no Legislativo... fazem parte da rotina das eleições e precisam integrar a cobertura. A isso, claro, a equipe deve acrescentar criatividade e questões afetas à pandemia de covid-19. A propósito: devido ao coronavírus, eleitores e jornalistas estarão em 2020 muito semelhantes a políticos em qualquer ano de eleição: sempre de máscara.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Adelino Moreira: o maior compositor do mundo (Parte 3)

Na vastíssima obra de Adelino Moreira, no seu repertório de canções, foi abordado não só o amor, a desilusão e as paixões, mas outros temas mercedores de destaque na obra desse maravilhoso compositor, dentre as suas grandes composições uma merece destaque especial no cenário cultural mundial: “Escultura”. Para demonstrar a forma engenhosa utilizada nesta obra vamos decompô-la em letra de “Escultura” e têm-se um conjunto de deusas, de musas, fictícias ou não, as quais Adelino Moreira, literalmente, costurou, habilmente, com seu bistruti poético.

A mulher perfeita, que ele depura em várias outras: Dulcinéia, personagem da eterna obra Dom Quixote do célebre Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616), representa a dama dos pensamentos do lunático cavaleiro de La Mancha; Madame Pompadour, a Antonieta Poisson, marquesa de Pompadour, cortesã preferida de Luís XV, Rei de França (1721-1764), mecenaz e amiga de filósofos, favoreceu o desenvolvimento das artes e das letras; Condessa Du Barry, Maria Joana VaubernierBácu, Cortesã francesa, foi a última favorita de Luís XV, casada com o conde João Du Barry, instalou-se na corte, onde levou uma vida escandalosa, sendo julgada por um tribunal revolucionário, foi decapitada durante o “Terror”, período ocorrido entre 1743-1793; Giocondina, nome pelo qual ficou conhecida Mona Lisa, esposa de Zanobiedo Giocondo, retratada, em 1500, pelo renascentista Leonardo da Vinci; Frinéia, cortesã grega que viveu no século quatro, antes de Cristo, foi a cortesã

mais afamada de Atenas e amante do grande escultor Praxíteles, ao qual serviu de modelo para suas imortais esculturas. Para Alberto Guimarães, biógrafo de Adelino Moreira, os diálogos se fazem através do tempo-espaço. Há situações, segundo ele, que parecem ser óbvias mesmo quando centradas em subjetividades. Ou seja, Adelino Moreira desafiou a “linha de força” da música brasileira que muitas vezes o repeliu. “As músicas de Adelino Moreira fizeram sucesso, mas o compositor foi motivo de críticas severas e maldizentes. Suas canções eram apontadas como sinal de mau gosto, pelos ‘montes e cascatas’ da cena musical. Adelino era, afinal, um emigrante português, e portanto, com uma força nada estranha, não podia parar. Adelino captava o sentimento dos brasileiros e vertia no seu lirismo histórias e emoções que o povo necessita ouvir e cantar”.

Sobre sua criação máxima, “Escultura”, Alberto Guimarães compara Adelino Moreira a escultor que procura trabalhar com o melhor mármore. E fazia-o por meio das melhores vozes: Praxíteles, escultor da antiga Grécia, utilizou o superior mármore de Paros para esculpir a Vênus de Cnido. Por sua vez, Adelino operava com a belíssima voz de Nelson Gonçalves. E como Nelson também sabia de emoções e do dinamismo da vida e da música, juntos constituíram uma dupla marcante. Quando, em 1958, Adelino e Nelson fizeram ouvir através do disco e do rádio o tema “Escultura”, as suas canções, que narravam boemias, vícios e afins, já eram bem recebidas pelo público.

Alberto Guimarães prossegue com sua oportuna digressão: “Escultura causa espanto pelo conjunto de citações eruditas e todo um conceito artístico vasto que Adelino serve num, considere-se assim, samba-canção com que pretendia conseguindo-o conquistar o público”. O historiador continua, viajando a tempos memoriais: “Ovídio, poeta romano, conta que o escultor Pigmalião na sua repulsa ao vício próprio das mulheres, seja também o que isso eventualmente possa significar, isolou-se e escolheu um maravilhoso corpo feminino que acabaria por causar a paixão do artista. Em resposta às preces do escultor enamorado, Vênus torna a estátua viva. Pigmalião casa então com a sua escultura. Do marmoreo passa-se ao carnal, pois o mito fala de uma filha nascida dessa paixão”.

É difícil viver no celibato, diz o historiador, e Adelino sabia disso. Dessa formas elucida, Adelino Moreira aborda em “Escultura” o mito de Pigmalião, com referência artísticas e profanas sem deixar de incluir também na história da criação, por um escultor da figura da mulher perfeita, juntamente com a malícia da cortesã Frinéia – o “item sacro que é a pureza de Maria”.

“No universo de Adelino e de Nelson Gonçalves, há um permanente erotismo que, falando ainda de escultura, lembra as carnações das obras de Bernini. Um erotismo que entre o conservadorismo brasileiro dos anos 1950 do século 20 chegou a causar proibições de suas músicas. A crítica e o preconceito os castigava, principalmente, a Adelino Moreira, mas não os mataram como as serpentes fizeram a Laocoon. Eles usaram e continuam no ar. Sintonia fina para eles”.

Há pouco mais de 60 anos, “Escultura” foi campeã de vendagem entre um público que, em sua esmagadora maioria, não tinha a menor ideia, por exemplo, de que Frinéia tinha sido uma célebre prostituta da Grécia antiga. Certa vez entrevistado por Ary Barroso, em seu programa de TV, em 1962, o compositor de “Aqua-

rela do Brasil” queixou-se a Adelino Moreira que não estava mais fazendo sucesso e perguntou ao português se, por acaso, poderia lhe ajudar a explicar o motivo.

Estar diante de um dos maiores mitos da música brasileira (que morreria dali a dois anos) de forma alguma intimidou a sinceridade do popularíssimo Adelino Moreira, que respondeu: “O senhor começou a compor músicas para meia dúzia de criaturas que o enausam e colocam num lugar em que o senhor atualmente não se encontra. O senhor se esqueceu completamente daquela massa que o elegeu como o maior compositor brasileiro até dez anos atrás. Se o senhor voltar a compor para essa massa popular, voltará a fazer o mesmo sucesso”.

Adelino Moreira era um criador de sucessos e teve suas canções gravadas por grandes astros da música popular brasileira dentre eles: Ângela Maria, Cauby Peixoto, Carlos Augusto, Carlos Nobre, Carlos Gonzaga, Núbia Lafayette, Paulo Vinícius e outros mais... Ao compor a música “Negue” que hoje figura um clássico do gênero samba-canção. Adelino enfrentou uma certa resistência para que esta canção se tornasse uma das mais gravadas e interpretadas no Brasil.

Raramente, Adelino Moreira dava parecia a outrem. Porém, devido à dificuldade de se executar suas músicas em determinados programas musicais, outros interpretes acabaram gravando criações de sua autoria. No samba-canção “Negue” Adelino tem como parceiro o radialista Enzo de Passos Almeida, que tinha um programa numa emissora de sucesso em São Paulo.

A composição “Negue”, anterior à gravação de Nelson Gonçalves, foi gravada por Roberto Vidal, Carlos Augusto, Linda Rodrigues e, no ano de 1978, no LP Álibi. Nesse último a cantora Maria Bethânia gravou “Negue” e obteve uma vendagem espetacular com o marco de mais de 1 milhão de cópias vendidas.



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es



Foto: Pixabay

Segunda fase

Países na Europa já estão fechando as portas para a segunda fase da covid-19. A Irlanda foi a primeira a tomar essa atitude. A volta do “novo normal” com a esperança de uma vacina rápida e um reaquecimento na economia não deu muito certo. Com o início do verão europeu, tudo voltou ao normal, os bares, restaurantes. Pubs... foram os últimos a voltarem, porém na volta houve uma procura desenfreada e desencadeou um pico acelerado de casos em todo o continente.

Acredito eu, pelo que se tem visto aqui, no Brasil não será muito diferente da Europa. Até porque muitas medidas adotadas nos países europeus foram muito mais severas que aqui no Brasil e os métodos eram outros, como multas, prisões e outros meios mais graves, para que a população pudesse entender o tão grave que é este vírus.

É preocupante, pois ainda permanece grande o número de desempregados e empresas que fecharam as portas. A rede hoteleira ainda nem chegou a respirar um ar melhor e os índices começam a mostrar que algo não tão bom já começa a dar um efeito negativo para os comerciantes.

Não se fala em outra coisa em rodas de familiares e amigos que não seja esse assunto. E a economia deve despencar muito mais forte do que antes, diante desse Governo Federal que nada

fez a favor daqueles proprietários que não puderam ter direito a uma linha de crédito e acumularam dívidas com os fornecedores e trabalhadores. Claro que ninguém esperava uma pandemia como essa, mas precisávamos ao menos um governante que pudesse reerguer aqueles que já não estavam em situação tão boa.

Novamente, volto a bater na mesma tecla. Quem não conseguiu, ou foi mais ou menos no delivery, não ficará em pé se os gráficos que mostram uma nova “segunda leva” da pandemia estiverem certos.

A hora é agora de rever todos os investimentos, valores, redes sociais. Isso vale tanto para quem está fazendo os deliveries, como também para quem elencou prioridades durante o maior foco da pandemia e deixou de fazê-las neste “novo normal” com o objetivo de diminuir os custos devido a tudo que passou para poder conseguir chegar até aqui.

Muitos não acreditavam que poderia vir uma “segunda leva”. Esperava-se um mercado mais aquecido no “novo normal”. Hoje já se vê o reflexo em muitos supermercados, com o número de pessoas demitidas e a diminuição de clientes.

Que nosso Deus tenha misericórdia de todos nós, que possamos passar com sucesso e assim voltarmos desta “segunda fase” em paz e com a saúde plena.

PRATO DO DIA

Bife à rolê com crosta de pão e queijo ralado

Ingredientes

- 4 bifés de coxão mole de 200g
- 200g de queijo mozzarella ralado
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 2 pães duros para ralar
- 1 saco de queijo ralado
- Molho de tomate de sua preferência
- 1 colher de sopa de azeite
- 1 colher de sopa de manteiga

Modo de preparo

■ Abra os bifés e tempere com sal e pimenta do reino, em seguida coloque o queijo mozzarella, enrole o bife e prenda com palito de dente.

■ Em uma frigideira, coloque a manteiga e o azeite. Em seguida, coloque os bifés e dê uma leve fritura de cada lado. Depois, pegue uma travessa e coloque os bifés.

■ Prepare a farofa que irá por cima de pão ralado, queijo ralado e uma colher de manteiga e leve ao forno pré-aquecido a 200 graus, por 10 minutos e já está bom. Eu os fiz com um talharim na manteiga. Arrumei no prato, fiz um fundo com o molho de tomate e acrescentei o bife com uma folha de manjerico.



Foto: Divulgação



QUENTINHAS

• O Paraíba Restaurant Week teve início no dia 16/10 e vai até o dia 8/11. Todos os restaurantes participantes elaboraram um menu, que inclui entrada, prato principal e sobremesa, por R\$ 43,90 o almoço, e R\$ 54,90 o jantar! Mais informações no Instagram @cantaloupebr

• Ontem aconteceu, no Espetinho do Nego, no Bairro dos Estados, uma comemoração de 12 anos de sucesso, com direito a três atrações musicais diferentes. Parabéns e muito sucesso ainda mais. Seu Instagram é @espetinhodonego

• Quem não conheceu ainda tem que conhecer a Pizzaria Lá Mafia Delivery. Dá uma olhada no Instagram deles e acompanha as promoções deliciosas. Vá lá no Instagram deles: @pizzarialamafiadelivery

PITADAS A GOSTO

Existem relatos na história da gastronomia que a técnica de enrolar carne e rechear, criando uma bracciola (como chamam os italianos) tem seu primeiro registro em séculos antes de Cristo. É na culinária etrusca que o bife rolê (popularmente conhecido como “à rolê”) aparece como forma de reaproveitar as sobras de pequenos pedaços de carne.

O prato pode ser feito com diversos recheios, sempre muito saboroso. Pode vir acompanhado da mistura preferida dos brasileiros, arroz, feijão, ovo e ainda complementado por um delicioso purê.